



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA

Centro de Ciências da Educação

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM
BIBLIOTECONOMIA**



Sinara Ubaldo Daros

O ACESSO À INFORMAÇÃO COMO SUBSÍDIO PARA DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO EM COMUNIDADES RURAIS: um estudo na cidade de
Ribeirão Branco/SP

Florianópolis, 2014

SINARA UBALDO DAROS

O ACESSO À INFORMAÇÃO COMO SUBSÍDIO PARA DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO EM COMUNIDADES RURAIS: um estudo na cidade de
Ribeirão Branco/SP

Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em Biblioteconomia, do Centro
de Ciências da Educação da Universidade
Federal de Santa Catarina, requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia. Orientação de: Prof.
Francisco das Chagas de Souza.

Florianópolis, 2014

Ficha catalográfica elaborada por Sinara Ubaldo Daros, graduanda de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

D224a Daros, Sinara Ubaldo

O acesso à informação como subsídio para desenvolvimento socioeconômico em comunidades rurais: um estudo na cidade de Ribeirão Branco/SP / Sinara Ubaldo Daros. -- 2014
119 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Francisco das chagas de Souza
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)
– Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2014.

1. Acesso à informação. 2. Comunidade Rural. 3. Desenvolvimento Socioeconômico I. Título.

CDU

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

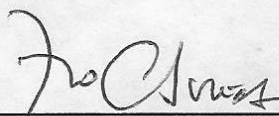
- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

Acadêmico: Sinara Ubaldo Daros

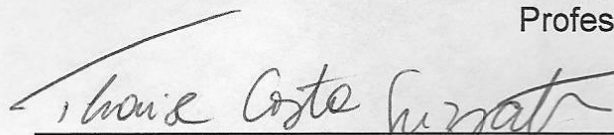
Título: O acesso à informação como subsídio para desenvolvimento socioeconômico em comunidades rurais: um estudo na cidade de Ribeirão Branco/SP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, aprovado com nota 10,0.

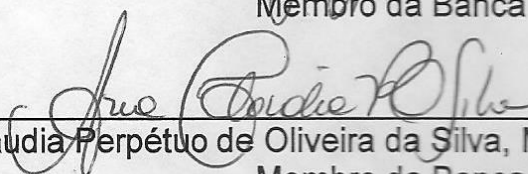
Florianópolis, 26 de 11 de 2014.



Francisco das Chagas De Souza, Doutor, UFSC
Professor Orientador



Thaise Costa Guzzatti, Doutora, UFSC
Membro da Banca Examinadora



Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva, Mestre, UFSC
Membro da Banca Examinadora

Dedico esta pesquisa aos agricultores de
Ribeirão Branco que são para mim exemplos
de persistência e esperança. A vocês, todo
o meu respeito e admiração.

AGRADECIMENTOS

Para mim é impossível expressar em palavras toda a gratidão que tenho pelas pessoas que fazem a minha vida ser tão abençoada como é.

Se cheguei até aqui foi porque tive o apoio das pessoas que amo, minha mãe Claudia Aparecida Ubaldo, meu pai Carlos Luiz Daros, meu irmão Jonatan Ubaldo Daros, meu namorado/marido/melhor amigo/anjo da guarda Renan Aparecido Camargo de Almeida, meus avós, tios, primos, sogros, cunhados, amigos. Tudo que sou devo a vocês. Obrigada!

Agradeço aos agricultores do Bairro Varginha por colaborarem com minha pesquisa, dando-me um pouquinho de seu tempo e me recebendo em suas casas.

Agradeço a minha mãe, aos meus avôs Waldemar e Floriza e ao Celso Martins Pio por me ajudarem nos dias da entrevista, me acompanhando e me auxiliando nos ajustes do roteiro de entrevista.

Agradeço imensamente meu orientador Professor Francisco, por ter me ajudado a dar um rumo mais que satisfatório para meu trabalho.

Enfim, agradeço a todos que me ajudaram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

P.S: Um agradecimento especial ao "Grupo de 4" por tornar minhas noites na faculdade tão divertidas.

*“Eu nasci naquela serra
Num ranchinho beira chão
Todo cheio de buraco
Onde a lua fai clarão
Quando chega a madrugada
Lá na mata a passarada
Principia um barulhão”
 (“Tristeza do Jeca”, Angelino De Oliveira)*

RESUMO

DAROS, Sinara Ubaldo. **O acesso à informação como subsídio para desenvolvimento socioeconômico em comunidades rurais: um estudo na cidade de Ribeirão Branco/SP.** 119 f. Monografias (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Nesta pesquisa objetivou-se conhecer o valor que os agricultores familiares atribuem ao acesso a informação como subsídio para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Ribeirão Branco. Apresenta um panorama da agricultura brasileira e as características que permeiam as comunidades rurais. Apresenta traços contextualizadores da cidade de Ribeirão Branco. Para compreensão das representações sociais expressas no discurso dos agricultores, a pesquisa teve como pilares uma fundamentação teórica da sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann, a sociologia processual e o figuracionismo de Norbert Elias e os estudos de representações sociais de Serge Moscovici. A pesquisa tem caráter qualitativo com a finalidade de recuperar e resgatar os pensamentos expressos pelos agricultores. A coleta de dados foi feita por meio da utilização de três instrumentos, sendo o principal a entrevista, e os complementares o questionário socioeconômico e o diário de entrevista. O tratamento e análise dos discursos obtidos na entrevista foram feitos com a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, com o objetivo de sintetizar os discursos em um único discurso que expressa as opiniões dos entrevistados. Os resultados demonstram que o agricultor familiar de Ribeirão Branco reconhece a importância da informação, porém a concepção do impacto que a informação pode surtir em sua situação socioeconômica, assim como a forma pela qual busca e obtém informação se mostra muito diferente do que ocorre no meio urbano.

Palavras-chave: Ribeirão Branco. Acesso à informação. Comunidade rural. Desenvolvimento socioeconômico.

ABSTRACT

DAROS, Sinara Ubaldo. **The access to the information like subsidy for socioeconomic development in rural communities:** a study in the Ribeirão Branco (SP) city. 119 f. Monografy (Undergraduationin Library Science) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

This research aimed to understand the value that farmers attach to access to information as a subsidy to the socioeconomic development of the Ribeirão Branco city. Presents an overview of Brazilian agriculture and characteristics that pervade rural communities. Contextualizers shows traces of the Ribeirão Branco city. To understand the social representations expressed in the discourse of farmers, the research was a theoretical foundation pillars of the sociology of knowledge of Berger and Luckmann, the procedural sociology and figurational studies of Norbert Elias and studies of social representations of Serge Moscovici. The research is qualitative in order to recover and rescue the thoughts expressed by farmers. Data collection was done through the use of three, being the main interview, and additional socioeconomic questionnaire and the diary interview. The processing and analysis of speeches made in the interview were made with the technique of the Collective Subject Discourse, in order to synthesize the speeches in a single speech that expresses the opinions of respondents. The results show that the family farmer Ribeirão Branco recognizes the importance of information, but the design of the impact that information can generate in their socioeconomic status, as well as the way in which search and get information proves very different from what occurs in the middle urban.

Keywords: Ribeirão Branco. Access to information. Rural community. Socioeconomic development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Município de Ribeirão Branco destacado no mapa de São Paulo.....	24
Figura 2 - Vista panorâmica do centro da Cidade.....	25
Figura 3 - Prédio histórico em que está localizada a Biblioteca Pública, Secretaria de Educação e Telecentro.....	27
Quadro 1 - Identificação da idade do entrevistado, composição familiar e escolaridade	56
Quadro 2 - TIC que os entrevistados possuem em casa.....	57
Quadro 3 - Tamanho e rendimento anual das propriedades.....	58
Quadro 4 - Automóveis e implementos agrícolas que os entrevistados possuem....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Ancoragem

CEPAM - Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal

DSC - Discurso do Sujeito Coletivo

ECH - Expressão-chave

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Ha - Hectare

IAD - Instrumento de Análise de Discurso

IC - Ideias Centrais

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions

PIB - Produto Interno Bruto

Pnud - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Pronaf - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

Unesco - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Unesp - Universidade Estadual Paulista

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL	16
2.1	A agricultura no Brasil	16
2.1.1	O ambiente rural e a agricultura familiar	19
2.1.2	Ribeirão Branco	23
2.2	O Processo de comunicação e transmissão de informação no meio rural	28
2.3	Biblioteca pública e comunitária como o lugar de acesso à informação em pequenas comunidades	32
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	36
4	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	44
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EMPREGADOS	49
5.1	Tipo de pesquisa	49
5.2	Participantes	49
5.3	Ética na pesquisa	51
5.4	Instrumentos para a coleta de dados	51
5.4.1	Questionário socioeconômico	51
5.4.2	Diário de entrevistas	52
5.4.3	Entrevistas	52
5.5	Tratamento e análise dos discursos	53
6	RESULTADOS	55
6.1	Apresentação do perfil dos entrevistados	55
6.2	Discurso do Sujeito Coletivo Final	59
6.3	Análise e interpretação do DSC	61
6.4	Diário de entrevistas	65
6.4.1	Primeiro dia de entrevistas - 05 de agosto de 2014.....	65
6.4.2	Segundo dia de entrevistas - 07 de agosto de 2014	69
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A - Roteiro da entrevista	80
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	81
APÊNDICE C - Questionário Socioeconômico	82
APÊNDICE D - Transcrição das entrevistas na íntegra	85
APÊNDICE E - Tratamento dos discursos	97
ANEXO A - Simbologia do município de Ribeirão Branco	119

1 INTRODUÇÃO

Os tempos atuais estão marcados pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e pela explosão informacional que vem mudando a maneira de pensar e agir da sociedade. Com isso, a informação torna-se cada vez mais um importante instrumento para o desenvolvimento socioeconômico dos diferentes tipos de comunidades. Isto, porque ao ter acesso à informação e fazer bom uso destas fontes informativas as pessoas tornam-se mais capazes de desenvolver os processos que definem suas condições econômicas, sociais e culturais e, por conseguinte podem obter seu próprio desenvolvimento e buscar o desenvolvimento das comunidades em que vivem.

Sendo assim, podemos afirmar que não somente as grandes comunidades urbanas necessitaram de acesso à informação, mas também as pequenas comunidades rurais, que apesar de parecerem tão distantes do paradigma social atual, movida pelas tecnologias de informação e comunicação, também fazem uso da informação e conhecimentos desenvolvidos desde o início da humanidade para poderem trabalhar com a terra, de maneira a obter os melhores resultados na lavoura e garantir sua sobrevivência.

Porém, estas comunidades rurais, principalmente as mais distantes dos centros urbanos, têm uma grande carência de fontes de informação, principalmente as de cunho técnico-científico, que poderia contribuir para melhores resultados em sua produção e cuidado com a terra e por consequência, melhores condições socioeconômicas.

Geralmente estas comunidades acabam utilizando somente o conhecimento que lhes foi passado de geração em geração, ou seja, o tal conhecimento “popular”, ou até mesmo ficam na dependência das informações passadas pelos donos de agropecuárias ou revendedores de sementes e agrotóxicos, que muitas vezes não dão a informação mais adequada à necessidade do agricultor, mas sim aquela que melhor beneficiará seus negócios.

Diante do exposto surgiu a interesse de, na ocasião de elaboração do trabalho de conclusão de curso, envolver os agricultores familiares do bairro Varginha, que contem uma parcela significativa das famílias que compõem a comunidade rural da cidade de Ribeirão Branco, em uma discussão sobre como buscam e utilizam a

informação que subsidia a atividade no campo. O interesse por esta pesquisa tem motivação no fato de que se verifica uma carência de estudos na área de ciências da informação que tratem especificamente das necessidades informacionais de comunidades que tem por principal atividade econômica a agricultura. Também há uma motivação pessoal para esta pesquisa. A pesquisadora é natural do município de Ribeirão Branco e tendo crescido e se desenvolvido no ambiente rural, durante toda a graduação em Biblioteconomia houve o questionamento de como os conhecimentos adquiridos poderiam ser aplicados neste ambiente e de que forma poderiam ajudar a melhorar vida das pessoas que ali vivem.

Sendo assim, esta pesquisa teve por objetivo principal conhecer o valor que os agricultores familiares atribuem ao acesso à informação como subsídio para o desenvolvimento socioeconômico do município de Ribeirão Branco, e como objetivos específicos:

- Levantar as necessidades de informação da comunidade;
- Verificar as fontes de informação utilizadas pelos informantes;
- Identificar os meios de acesso às fontes de informação;
- Verificar a percepção dos informantes sobre benefícios que podem adquirir quando utilizam fontes de informação.

O trabalho está organizado em três tipos de referencial, sendo eles: Conceitual, Teórico e Metodológico, em uma seção para os procedimentos metodológicos, uma seção para os resultados e as considerações finais.

Inicialmente é apresentado o referencial conceitual com o propósito de expor as características de uma comunidade rural, desde como a agricultura se apresenta no contexto nacional, a como são as comunidades rurais e o que define a agricultura familiar. Também é apresentada neste referencial uma descrição do Município de Ribeirão Branco e uma explanação dos aspectos que permeiam a transferência de informação neste tipo de comunidade.

Na segunda seção é apresentada a fundamentação teórica composta pela sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann, a sociologia processual e o figuracionismo de Norbert Elias e os estudos de representações sociais de Serge Moscovici. Estas teorias foram importantes para a compreensão das representações expressas nos discursos dos agricultores entrevistados.

O referencial metodológico que teve por objetivo nortear a pesquisadora, traz aspectos da pesquisa qualitativa, da entrevista e da Técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, que justificam as escolhas da metodologia adotada nesta pesquisa.

A metodologia adotada envolveu a utilização de três instrumentos de coleta de dados, a entrevista, o questionário socioeconômico e o diário de entrevista, mas a entrevista foi definida como o principal instrumento, sendo os outros utilizados para complementar os dados coletados na entrevista. Estes instrumentos são descritos na seção dos procedimentos metodológicos adotados.

Nesta seção também é apresentado o procedimento para análise e tratamento dos resultados obtidos na entrevista, que foi feito com a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, que é capaz de resgatar “os valores, as crenças, as representações, enfim, as várias formas de que se reveste o sentido atribuído pelos atores sociais aos eventos que cercam a vida deles” (LEFÈVRE: LEFÈVRE, 2009, p.13)

Na seção dos resultados são apresentados o perfil socioeconômico dos entrevistados, o diário de entrevistas e o DSC final, assim como as análises e interpretações feitas sobre ele. A última seção contém as considerações finais deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

Antes de se iniciar um estudo de uma dada parcela da sociedade, é importante compreender primeiro de que contexto maior ela faz parte. Considerando que o objeto desta pesquisa é o acesso à informação por uma comunidade de agricultores familiares de Ribeirão Branco, é conveniente fazer um esboço do contexto rural do país, assim como conceituar o ambiente rural e agricultura familiar para que se possa ter uma melhor compreensão das questões levantadas pela pesquisa. Para isso, também é importante ter conhecimento dos processos de comunicação e informação em meio rural, e também as fontes de informação comumente utilizadas por comunidades rurais.

2.1 A agricultura no Brasil

O Brasil rural, assim como todas as vertentes da sociedade, vem passando por profundas transformações. As comunidades agrícolas brasileiras têm demonstrado, principalmente a partir dos anos 70, novos padrões socioculturais e formatos econômico-produtivos. (GASQUES; VIEIRA FILHO; NAVARRO, 2010)

Segundo Gasques, Vieira Filho e Navarro (2010) estas mudanças possuem um escopo social muito amplo e multifacetado, sendo necessária uma análise multidisciplinar para melhor compreender o que levou as comunidades agrícolas brasileiras a terem uma ruptura com o passado, diminuindo o peso social e cultural que na história da agricultura brasileira foram fatores de grande influência. Para os autores o desenvolvimento agrário no país, nas últimas quatro décadas foi “intensificado sob uma nova e mais pujante dinâmica econômica e tecnológica” o que levou a uma ampliação dos diferentes mercados de insumos agroindustriais gerando novas cadeias produtivas. Toda essa mudança produziu uma revolução na vida econômica e nos comportamentos sociais. (GASQUES; VIEIRA FILHO; NAVARRO, 2010)

Gasques *et al* (2010) em um estudo das transformações estruturais da agricultura no país embasado nos censos feitos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas últimas décadas, constatou que o número de estabelecimentos rurais cresceu acentuadamente até 1980, o que segundo os mesmos autores, significa um amplo processo de expansão e ocupação de novas

áreas ocorridas até então no país. A partir desta década, houve uma estabilidade do número de estabelecimentos, que em 2006, ano do último censo agrário feito, se situava em 5,1 milhões de estabelecimentos rurais. Segundo Buainain e Dedecca (2010) estes 5,1 milhões de estabelecimentos são responsáveis pela produção que representa 8% do produto interno bruto (PIB) brasileiro em 2006. Apesar de 8% parecer um valor baixo, os autores expressam que

Apesar da tendência de queda da contribuição da agricultura para o PIB observada ao longo das últimas décadas, deve-se salientar que o setor apresenta uma importância econômica e social superior à sugerida nas contas nacionais, em razão das demandas que sua atividade produtiva gera para os demais setores de atividade econômica e de seu papel na oferta de alimentos a preços adequados ao perfil de renda da população. Portanto, o desempenho do setor deve ser considerado estratégico para a economia e para a sociedade brasileira. A agricultura está na base do complexo produtivo que responde por quase um terço do PIB (o percentual varia segundo a fonte da estimativa). (BUAINAIN; DEDECCA, 2010, p. 125)

Gasques *et al* (2010) também constataram que houve um expressivo aumento da porcentagem de áreas destinadas às lavouras, sendo, em 2006 utilizada 18,14% da área total. Porém os números mais expressivos eram destinados a pastagem, que ao longo do tempo manteve índices de 44% e 50% da área total de estabelecimentos. O segundo maior índice era de áreas de matas, que representavam 29,85 % da área utilizada em 2006. (GASQUES *et al*, 2010)

Porém os dados também mostraram que a produtividade na relação entre a área de pastagem e o total de bovinos teve uma forte queda e que por outro lado houve uma melhoria nos níveis de produtividade das lavouras.

Outras constatações foram feitas nesta pesquisa, como o número de pessoal ocupado por estabelecimento, que apresentou queda ao longo do período, diminuindo de 9,74 pessoas por estabelecimento em 1920 para 3,57 em 1970, e 3,2 em 2006. Gasques *et al* (2010, p. 21) afirma que estes dados refletem “inovações tecnológicas ocorridas nos sistemas de produção utilizados, introdução de novos produtos e mudanças na política trabalhista brasileira”.

Para Gasques *et al* (2010), pelos estudos realizados, pode-se afirmar que o Brasil apresenta uma trajetória de crescimento nos 36 anos analisados de desenvolvimento da agricultura. Segundo os pesquisadores, pode-se concluir que a agricultura no país tem crescido de forma continuada e que este crescimento tem se dado principalmente com base na produtividade.

Apesar do panorama positivo apresentado acima, Hoffmann e Ney (2010, p 45) afirmam que “os dados do censo mais recente, de 2006, evidenciam a alta desigualdade na distribuição de posse da terra no Brasil, caracterizada pela enorme proporção da área total agrícola ocupada pelos estabelecimentos com área maior ou igual a mil hectares”. Para os autores esta enorme desigualdade é uma marca que permanece até hoje “da evolução histórica da economia brasileira, presente desde o surgimento da economia colonial, cuja base era o latifúndio monocultor e trabalho escravo.” (HOFFMANN; NEY, 2010, p. 45)

Sobre a distribuição da população brasileira entre áreas rurais e urbanas, Buainain e Dedecca (2010) dizem que apesar do amplo processo de urbanização do país, o Brasil iniciou este século com uma população rural ainda expressiva. Segundo os autores, em 2008, 30,8 milhões de pessoas declaram residir em zona rural, porém a população ativa, ou seja, que desempenham realmente alguma atividade agrícola é de cerca de 16 milhões de pessoas em 2008, o que representa 17,4 % da população ocupada do país.

Buainain e Dedecca (2010) também destacam que são os pequenos estabelecimentos rurais os responsáveis por preservar o papel de retenção de mão de obra no meio rural, uma vez que “do total de ocupados, 40% encontravam-se em estabelecimentos de até 10 hectares (ha), e 70% em unidades com até 50 ha.”

Ademais, os resultados do censo agropecuário expressam também uma configuração particular do mercado de trabalho agrícola no país. De um lado, está a produção em larga escala, baseada na mecanização intensiva e no trabalho assalariado, permanente e temporário, cuja participação no total da ocupação agrícola tende a cair. De outro lado, estão os pequenos estabelecimentos, com elevada concentração dos ocupados de membros não remunerados ou envolvidos em atividades para próprio consumo, caracterizados por uma situação de baixa produtividade relacionada a um nível ponderável de subemprego, que vêm ganhando expressão na estrutura ocupacional. (BUAINAIN; DEDECCA, 2010, p. 131-132)

O texto destacado acima é apenas uma fração muito pequena dos vários estudos feitos sobre a agricultura brasileira e indicam apenas uma parcela da realidade do Brasil rural. A agricultura devido a sua inegável importância para a manutenção da sociedade vem sendo principalmente a partir da década de 90, estudada dentro das diversas esferas do conhecimento, abrangendo a sociologia, a economia, a comunicação, as engenharias. O ambiente rural possui características muito próprias e é de suma importância para um país como o Brasil, conhecer e

compreender este ambiente para poder tomar medidas que fortaleçam estas populações.

2.1.1 O ambiente rural e a agricultura familiar

Descrever o ambiente rural no fim do século XX e início deste século tem sido visto aparentemente na literatura como um desafio. Isto porque na literatura revisada sempre há a constatação por parte dos autores de que cada vez mais o ambiente rural vem sendo tomado pela urbanização e que centros urbanos passam a ter desenvolvidos dentro de suas fronteiras atividades de cunho agrário.

Carneiro (1998, p. 53) expressa este fenômeno dizendo que

O ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais.

Porém, a autora afirma que este processo não resulta numa homogeneização que reduziria a distinção entre o rural e o urbano, passando o cenário a ser dominado pelo urbano. (CARNEIRO, 1998, p. 53)

Neste contexto, ao tratar do ambiente rural, os pesquisadores passaram a utilizar a ideia de ruralidade, que “opõe-se ao mesmo tempo à visão centralizada na urbanização dominante na sociedade e à percepção de um meio rural sem agricultores. (WANDERLEY, 2000, p. 29). Vale ressaltar que segundo Carneiro (1998, p. 53) “não se pode falar de ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos.”

Para Kayser (1990) *apud* Wanderley (2000)

O “rural” é um modo particular de utilização do espaço e de vida social. Seu estudo supõe, portanto, a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações deste espaço rural, entendido, ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade).

Carneiro (1998) aponta em seus estudos de ruralidade que no Brasil vem ocorrendo dois tipos de fenômenos que mostram as mudanças no meio rural nas últimas décadas. Segundo a autora o primeiro fenômeno é que o meio rural não se define mais exclusivamente pelas atividades agrícolas, isto devido ao número cada vez maior de pessoas que residem no campo, mas que não trabalham na agricultura ou então pequenos produtores que têm outras atividades como complemento à renda tirada da terra. Este fenômeno é tratado como a pluriatividade, e cresce cada vez mais no país. O segundo fenômeno apontado por Carneiro (1998) é o meio rural estar se tornando um refúgio para as pessoas que vivem na cidade, já que existe uma “procura crescente de formas de lazer e até mesmo de meios alternativos de vida no campo, por pessoas vindas da cidade.” (CARNEIRO, 1998, p. 56)

Segundo Abramovay (2000, p. 2) “não existe uma definição universalmente consagrada de meio rural e seria vã a tentativa de localizar a melhor entre as atualmente existentes.” Para ele o que existe é um “vício de raciocínio” na maneira de definir o meio rural que acaba por influenciar decisivamente na sua associação com atraso, carência e falta de cidadania.

Abramovay (2000) aponta três maneiras dominantes de delimitação do rural que são: a delimitação administrativa utilizada no Brasil, a qual o autor resume da seguinte forma:

- o rural é definido, ao menos em parte, ao arbítrio dos poderes públicos municipais, em que as consequências fiscais da definição acabam sendo mais importantes que seus aspectos geográficos, sociais, econômicos ou culturais;
- desde que haja extensão de serviços públicos a um certo aglomerado populacional, ele tenderá a ser definido como urbano: é assim que, no Brasil, as sedes de distrito com algumas centenas ou dezenas de casas são definidas como “urbanas”; e
- o rural tenderá a ser definido, em princípio, pela carência, o que não pode ser considerado um critério adequado sob qualquer ponto de vista.

A segunda delimitação utiliza como critério de definição o peso econômico na ocupação de mão-de-obra da agricultura que é utilizada em alguns países como Israel e Chile. Para o autor esta delimitação por meio “deste critério aboliria o espaço rural dos países desenvolvidos e faria com que seu peso fosse fortemente declinante nas nações em desenvolvimento”. (ABRAMOVAY, 2000, p.

E a terceira delimitação, considerada pelo autor como a menos inadequada entre as duas anteriores, seria considerar como rural as localidades abaixo de um

certo patamar populacional, “já que evita que se assimile forçosamente o rural ao isolado: a maior parte das sedes de distritos brasileiros, por este critério, seria classificada como rural”. (ABRAMOVAY, 2000, p. 4-6)

Também deve-se, para ampliar a compreensão desta esfera da sociedade, abordar a questão da agricultura familiar, que é a população alvo desta pesquisa.

A agricultura familiar brasileira, segundo Souza *et al* ([200-])

caracteriza uma forma de organização da produção em que os critérios utilizados para orientar as decisões relativas à exploração não são vistos unicamente pelo ângulo da produção/rentabilidade econômica, mas abrangem, também, as necessidades e objetivos da família. Ao contrário do modelo patronal, no qual há completa separação entre gestão e trabalho, no modelo familiar esses fatores estão intimamente relacionados. Ressalte-se ainda que a agricultura familiar, além de fonte de produção de alimentos, de renda e geração de emprego é, sem dúvida, uma atividade importante para ocupação do território nacional, fixação de pessoas em sua terra natal e defesa do meio ambiente. (Souza et al, [200-], p. 3)

Souza et al, neste discurso expressa um dos pontos de vista que caracterizam agricultura familiar. Porém, assim como há a dificuldade de definir o que é rural, também existe a mesma dificuldade na literatura utilizada para distinguir o que é agricultura familiar da não familiar. Wanderley (2003, p. 43) explica que "existe uma certa dificuldade, do ponto de vista teórico, em atribuir um valor conceitual à categoria agricultura familiar que se difundiu no Brasil sobretudo a partir da implantação do Pronaf." Segundo a autora há uma variação grande de posições entre os pesquisadores, uma vez que alguns utilizam a definição operacional que o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) adota para propor uma tipologia de beneficiários em função de sua capacidade de atendimento, para conceituar a agricultura familiar. Enquanto para outros a agricultura familiar

corresponde a uma certa camada de agricultores, capazes de se adaptar às modernas exigências do mercado em oposição aos demais “pequenos produtores” incapazes de assimilar tais modificações. São os chamados agricultores “consolidados” ou os que têm condições, em curto prazo, de se consolidar. Supõe-se que as políticas públicas devem construir as bases para a formação desse segmento. (WANDERLEY, 2003, p. 43-44)

Wanderley (2003, p. 44) explica que esta ideia é melhor trabalhada teoricamente e supõe que "o agricultor familiar é um ator social da agricultura moderna e, de uma certa forma, ele resulta da própria atuação do Estado."

Diante destas posições a autora faz uma discussão em relação à agricultura familiar e campesinato, na qual faz a seguinte indagação em relação à configuração deste ator social:

trata-se da reprodução pura e simples de um campesinato "tradicional" com sua forma específica de funcionamento e de reprodução ou da emergência de um novo "personagem" na atividade agrícola e no meio rural, capaz de responder às exigências da sociedade e do mercado modernos, frequentemente vistos como "gestados" pela própria ação do Estado?

Após uma breve reflexão sobre o conceito de campesinato, que expõe as duas esferas distintas que configuram este conceito: o campesinato constituído através da história como uma civilização ou como uma cultura e por outro lado visto como "uma forma social particular de organização da produção [...] cuja base é dada pela unidade de produção gerida pela família", Wanderley (2003) responde sua indagação dizendo que "o agricultor familiar é, sem dúvida, um ator social do mundo moderno, o que esvazia qualquer análise em termos de decomposição do campesinato" porém nele ainda há muito de um camponês.

No que se refere à caracterização da agricultura familiar utilizada para levantar os dados quantitativos em relação a esta população no Brasil, o IBGE para atender à demanda do Ministério do Desenvolvimento Agrário, adotou para o Censo Agrário de 2006, o conceito de agricultura familiar conforme a Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006 que estabelece que são agricultores e empreendedores rurais familiares aqueles que possuam atividades no meio rural e que atendam concomitantemente os requisitos a seguir:

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro (4) módulos fiscais;
 - II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
 - III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; e
 - IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.
- (ANTUNES, 2011, p. 114)

Sobre as informações obtidas pelo Censo Agrário de 2006, Antunes (2011) expõe que a agricultura familiar compreendia 84,4% do total de estabelecimentos agropecuários existentes no país, porém detinha apenas 24% da área dos estabelecimentos.

Esta disparidade também ocorre entre os próprios agricultores familiares. Para Souza *et al* (2003) a esfera da agricultura familiar é marcada por profundas desigualdades sociais, culturais e econômicas. Também pode-se dizer que "a agricultura familiar é um universo profundamente heterogêneo, seja em termos de disponibilidade de recursos, acesso ao mercado, capacidade de geração de renda e acumulação." (BUAINAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003, p. 321)

Buainain, Romeiro e Guanziroli (2003) também afirmam que a agricultura familiar é extremamente desigual, uma vez que alguns estabelecimentos conseguem gerar níveis de renda sustentável, enquanto outros passam por dificuldades crescentes principalmente em relação a recursos como terra e capital.

2.1.2 Ribeirão Branco

Localizado entre os rios Taquari-Mirim e Apiaí-Guaçu, o povoado do Senhor Bom Jesus do Ribeirão Branco, surgiu em torno de uma Capela erguida em louvor do mesmo Santo, nas terras doadas por Francisco Caetano da Silva e sua mulher, Maria Custódia de Jesus, na região primitivamente denominada Boa Vista do Campinho. Em março de 1883, foi criado o Distrito de Paz, sob a denominação de Bom Jesus do Ribeirão Branco, em virtude de estar à margem de um curso d'água com o mesmo nome. Em 1892, foi o nome simplificado para Ribeirão Branco. Em divisão territorial datada de 15 de julho de 1997, o município é constituído de três Distritos: Ribeirão Branco, Campina de Fora e Itabôa. (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO BRANCO, 2014).

Figura 1 - Município de Ribeirão Branco destacado no mapa de São Paulo.



Fonte: Wikipédia

Ribeirão Branco tem economia fundada na agropecuária e suas principais culturas são o feijão, tomate, milho, a cebola, o arroz, frutas, como o pêsego, e ainda as pecuárias bovina e suína, a avicultura e a produção de mel. A agricultura familiar praticada na localidade tem grande importância no abastecimento paulista. O feijão e o tomate ocupam a maioria das terras plantadas, pois são lavouras que se beneficiam do clima local caracterizado, sobretudo pelas noites frescas. (CEPAM, 2014)

O município de Ribeirão Branco está localizado a 230 km em linha reta da Capital do estado de São Paulo e faz divisa com três municípios, Itapeva, Guapiara e Apiaí. (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO BRANCO, 2014).

Segundo o censo demográfico de 2010, feito pelo IBGE, o município possui uma população de 18.296 pessoas, sendo que 8.976 são residentes rurais e 9.293 são residentes urbanos.

Figura 2 - Vista panorâmica do centro da Cidade.



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Ribeirão Branco.

O Produto Interno Bruto (PIB), a preço corrente do município em 2011, foi de 196.426 mil reais e o PIB per capita a preço corrente foi de 10.887,13 reais.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do município em 2010 foi de 0,639. Segundo estudo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Ribeirão Branco teve o pior IDHM do estado de São Paulo em 2010.

Em 2003, Ribeirão Branco possuía um Índice da Pobreza igual a 52,59%.

Como já foi dito anteriormente, Ribeirão Branco é um município com economia fundada na agropecuária e a principal cultura é a de tomate, tanto que seu brasão é adornado por um ramo de tomate e outro de milho conforme figura disponível no Apêndice F. Segundo dados sobre produção agrícola municipal levantados pelo IBGE em 2012, o município plantou e colheu 1.200 hectares de tomate, o que rendeu uma produtividade de 64.800 toneladas.

Ribeirão Branco é uma das principais produtoras de tomate no estado de São Paulo, e devido a esta cultura, a partir do ano de 2010, passou a celebrar anualmente a Festa do Tomate. O município também celebra no aniversário da cidade a Festa de Peão de Boiadeiro e duas festas de caráter religioso, que são a Festa de Bom Jesus, padroeiro da cidade, e a Festa do Divino Espírito Santo, uma festividade comum em

municípios com forte comunidade católica de origem portuguesa. No portal da cidade (Apêndice F), possui a imagem do santo Bom Jesus.

A população ribeirão branquense dispõe de uma rede de ensino composta por dezesseis escolas de ensino fundamental, seis escolas de ensino médio e nove escolas de ensino pré-escolar, todas públicas. O município até o ano de 2014 não conta com nenhuma instituição de ensino de nível superior.

Em 2012, o município tinha 4.837 alunos matriculados nas três modalidades de ensino, sendo a maioria do ensino fundamental com 3.347 alunos, depois o ensino médio com 961 alunos e por último com 529 alunos o ensino pré-escolar.

A população residente no município que cursa o ensino superior se desloca diariamente no mínimo trinta e três quilômetros até Itapeva, que possui um campus da Universidade Estadual Paulista (Unesp), duas faculdades particulares e alguns polos de ensino a distância. Em 2014 também foi inaugurado os três primeiros cursos do campus Lagoa do Sino da Universidade Federal de São Carlos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS) na cidade próxima de Buri. Os cursos ofertados são: Engenharia Agrônômica, Engenharia de Alimentos e Engenharia Ambiental. O projeto para o Campus Lagoa do Sino, considerando as características da região, "está estruturado em três eixos: Desenvolvimento Sustentável Territorial (que significa, em linhas gerais, justamente o compromisso com a realidade regional); Soberania e Segurança Alimentar; e Agricultura Familiar." (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2014)

No que diz respeito a lugares para consulta e aquisição de fontes informacionais, o município possui uma biblioteca pública, que concentra seu acervo em obras de literatura principalmente voltadas para o público infante-juvenil. Até a última constatação feita pela autora, em agosto de 2014, na cidade não havia nenhuma livraria ou banca de jornais e revistas.

Figura 3 - Prédio histórico em que está localizada a Biblioteca Pública, Secretaria de Educação e Telecentro.



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Ribeirão Branco.

Sobre o acesso a tecnologias como a internet e telefonia, o município aos poucos vem melhorando estes serviços, disponibilizando para a comunidade um telecentro que tem por objetivo "promover o desenvolvimento social e econômico das comunidades atendidas, reduzindo a exclusão social e criando oportunidades aos cidadãos" e por premissa a "inserção do cidadão na sociedade da informação por meio da utilização de ferramentas de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), visando a redução da exclusão digital e social". (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO BRANCO, 2014).

Na cidade, o acesso à internet nas residências particulares está começando a se difundir, porém nos bairros mais isolados não há internet e até mesmo os serviços de telefonia móvel funcionam com dificuldade.

O município possui alguns órgãos voltados diretamente para auxiliar as atividades dos agricultores familiares. São eles o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar que auxilia na organização da produção e atualmente vem trabalhando com o projeto de moradias rurais e programa de aquisição de alimentos, entre outros programas de desenvolvimento para o setor, a Secretaria Municipal da Agricultura que atua como órgão de assistência técnica e extensão rural, tanto na agricultura e na pecuária, atendendo toda a população que demanda os serviços

prestados que são: elaboração de projetos técnicos, assistência técnica, patrulha agrícola, terminal de cargas e abatedouro municipal, dentre outros. Também há um Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural que atua na elaboração de planos de desenvolvimento e planejamento das atividades a serem realizadas pela secretaria e é no conselho que se discutem regras para funcionamento da patrulha, do abatedouro municipal e do terminal de cargas. O Conselho também exerce função de órgão fiscalizador. (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO BRANCO, 2014)

Em julho de 2011, foi realizado no município um projeto denominado Processo Prospectivo Regional que “é a participação da sociedade para adquirir conhecimento, tanto da metodologia quanto da situação atual do Município de Ribeirão Branco, e em conjunto propor o futuro para 2030 com comprometimento.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO BRANCO, 2014). Neste projeto foi realizado I Seminário da Prospectiva Regional do Município de Ribeirão Branco – SP e realizados cursos de formação-ação como preparação para a análise estrutural do processo prospectivo. Esta foi uma ação da Prefeitura Municipal de Ribeirão Branco em parceria com o Instituto para o Desenvolvimento Sustentável.

2.2 O Processo de comunicação e transmissão de informação no meio rural

As TICs mudaram consideravelmente a maneira como as pessoas buscam e transmitem a informação. Nos dias atuais a sociedade tem ao seu dispor diversas ferramentas que otimizam todos os processos que envolvem a produção, transmissão e acesso da informação. Porém, isso é uma afirmação válida para quem vive em centro urbanos, uma vez que grande parte da população que vive em zonas rurais não compartilham desta mesma facilidade. São vários os fatores que levam a este panorama que vão desde a ordem estrutural até mesmo questões culturais.

Neste contexto, como se dá o processo de comunicação e transmissão de informação no meio rural? Essa indagação é necessária porque assim como a população urbana, as pessoas que vivem e que trabalham no campo, como os agricultores familiares, necessitam de informações para subsidiar suas atividades.

Segundo Gomes (2003, p. 19) "grande parte da população rural continua coberta pela "lona" do analfabetismo, da pobreza e da exclusão social e, portanto, com imensas dificuldades de acessar e receber informações básicas." Com isso, boa parte da informação utilizada pelos agricultores para a realização de suas atividades

no campo, provem da informação passada de geração para geração. Porém conforme explica Wanderley (2003) o conhecimento tradicional, onde a transmissão de informação é feita de pai para filho não é mais suficiente para orientá-los em relação ao comportamento econômico. Segundo a autora "o exercício da atividade agrícola exige cada vez mais o domínio de conhecimentos técnicos necessários ao trabalho com plantas, animais e máquinas e o controle de sua gestão por meio de uma nova contabilidade" (WANDERLEY, 2003, p. 46)

Freire (1991, p. 6) expõe que o agricultor demanda uma grande variedade de diferentes tipos de informação, "incluindo informações sobre o clima e suas variações, os solos e suas características, a vegetação e seu uso, os processos de cultivo e tratos culturais, o mercado e variáveis de preços de produtos."

As comunidades rurais possuem características próprias e como foi observado por Matos (2005) para estudar e entender a agricultura familiar é requerido do pesquisador conhecer a realidade local onde os agricultores estão integrados de forma a entender como é a visão de mundo deles. Só assim é possível verificar as demandas informacionais destes grupos e possibilitar a transmissão das informações de forma que eles as compreendam.

É importante ressaltar que "o processo de transferência da informação para produtores rurais envolve não somente os aspectos relacionados à comunicação, mas também aqueles relacionados com a produção econômica, estrutura fundiária e organização sociocultural típica do meio rural. (FREIRE, 1991, p. 5). Tarpani (1991) *apud* Matos (2005, p. 35) complementa afirmando que "o trabalho junto às comunidades rurais em nível de provisão de informações requer o conhecimento da dinâmica da sociedade rural e do papel da informação para o meio rural".

Freire (1991) também mostra os resultados de um estudo de caso sobre transferência da informação tecnológica para produtores rurais no Nordeste brasileiro, que identificou barreiras de comunicação nos seguintes níveis:

- ideológico, considerando que agentes e usuários da informação participam desigualmente da dinâmica socioeconômica e cultural da sociedade;
- de eficiência, pois a relação esforço para informar e usos/efeitos da informação é prejudicada pela existência de fatores estruturais, tais como estrutura agrária e baixa capacidade de correr riscos na atividade produtiva;
- terminológico, uma vez que agentes e usuários não utilizam o mesmo código de comunicação para recuperação do conhecimento, embora essa barreira seja diminuída no processo de comunicação direta;

- de capacidade de leitura, pois os usuários finais (produtores rurais) têm baixo grau de escolarização, apresentando dificuldades na decodificação da linguagem escrita;
- de consciência e conhecimento da informação, considerando que, para atender à demanda de seus usuários, o agente deveria não somente conhecer a informação disponível no âmbito da produção científica e tecnológica, mas também aquele produzido pela dinâmica sociocultural do meio rural;
- de responsabilidade, uma vez que o uso da informação tecnológica depende de atividade do usuário final e da sua capacidade para utilizar esse conhecimento no processo produtivo. (FREIRE, 1991, p. 6-7)

Diante destas dificuldades, existem os serviços de extensão e intermediação que geralmente estão sob responsabilidade do governo. Estes serviços são importantes para a interpretação e adaptação das informações para as circunstâncias locais, cumprindo o papel de integrar e promover o uso do conhecimento pelos produtores rurais na resolução de problemas técnicos e gerenciais de suas lavouras. (FREIRE, 1991)

Esta intermediação também é importante uma vez que na atualidade é produzida uma grande quantidade de informações que, se não traduzidas e nem assimiladas, não criam riquezas em forma de conhecimento, fazendo com que seus produtores gerem apenas estoques de informação (MATOS, 2005).

Matos (2005), também ressalta que

a informação, quando assimilada, pode se tornar um fator que efetivamente permitirá ao agricultor gerir melhor seus recursos naturais, sua produção, melhorar sua qualidade de vida e de seus familiares, permitindo o fortalecimento no processo de desenvolvimento da comunidade agrícola da qual é integrante. (MATOS, 2005, p. 34)

A informação a ser transmitida para o agricultor deve ser coerente com o contexto no qual ele está inserido, pois somente assim ele reconhecerá o valor da informação e nesse processo no qual o agricultor constrói e reconhece o processo informacional como algo importante que as instituições públicas e privadas poderão gerar informações para subsidiar efetivamente as atividades dos agricultores. (MATOS, 2005)

Outro ponto abordado por Matos (2005) é que diferente dos outros meios profissionais, acadêmicos e científicos, que o usuário da informação, por sua formação e conhecimento, pode chegar a informação desejada sozinho, o agricultor quando encontra alguma dificuldade na qual precisa obter uma informação que foge

a sua realidade, do seu cotidiano, precisa de alguém que indique como e onde encontrar a informação que ele necessita.

No que se refere a fontes de informação utilizadas no meio rural, "podem ser pessoas físicas ou instituições a que recorrem os agricultores para obtenção de informações para subsidiá-los no desenvolvimento de suas atividades." (MATOS, 2005, p. 82). A autora também expõe que no meio rural a disseminação da informação é concretizada através da comunicação informal, ou seja, ocorre mais intensamente através da conversa entre parentes, vizinhos e amigos.

Matos (2005) diz que para os agricultores o conceito de informação é muitas vezes traduzido em notícias, as quais são veiculadas pelos meios de comunicação de massa, especialmente o rádio e a televisão. Estes meios permitem aos agricultores o acesso à informação com maior rapidez e objetividade. Para Gomes e Gomes (2003, p.19) "dada a cultura oral que permeia a realidade dos homens e mulheres rurais, o rádio tem se mostrado um veículo eficiente para a população, inclusive como instrumento de educação a distância." Segundo os autores a popularização deste veículo no meio rural se dá principalmente pela sua linguagem universal, que em sua essência é coloquial, simples e direta.

Contudo, vale citar a observação feita por Wanderley (2003, p. 55-56) que diz que

[...] no caso brasileiro, o processo de modernização das condições de produção agrícola não está concluído nem se disseminou de forma homogênea por todo o território nacional. Cabe, portanto, perguntar-se em que grau a força transformadora dos novos processos se impõe e qual a sua capacidade efetiva para atingir os microespaços rurais e provocar mudanças nos processos sociais agrários. É possível, no limite, identificar situações locais, concretas, nas quais as formas familiares de produção – tanto quanto a grande propriedade extensiva – não sejam “provocadas” a se transformar por nenhuma força modernizante de grande impacto, ou o sejam em grau muito reduzido.

Diante do que foi exposto, é possível ter uma pequena dimensão do contexto rural brasileiro, assim como do que pode ser considerado como ambiente rural e como agricultura familiar. Compreender estes conceitos é de suma importância para esta pesquisa, uma vez que constituem o ambiente, alvo da pesquisa.

Entender como a informação e a comunicação se dão no meio rural também é indispensável para o presente estudo, pois somente com esta compreensão é possível interpretar e analisar as representações dos agricultores familiares do bairro

Varginha acerca da importância da informação como meio para melhorar suas condições socioeconômicas.

2.3 Biblioteca pública e comunitária como o lugar de acesso à informação em pequenas comunidades

Comunidades rurais distantes dos centros urbanos têm grandes dificuldades em acompanhar o desenvolvimento tecnológico por fatores estruturais, sociais e econômicos. Com isso, o acesso à informação por meio de tecnologias que dependem da internet, por exemplo, é feito por uma parcela pequena dos habitantes destas comunidades. Pensando nisso e na atual configuração da sociedade, que tem a informação como principal fonte para o sucesso profissional e pessoal, convém ressaltar o papel que as bibliotecas públicas e comunitárias podem e devem desempenhar para diminuir o abismo que separa estas comunidades daquelas que vivenciam a sociedade urbanizada.

As bibliotecas públicas são, como o próprio nome designa, espaços públicos. No contexto brasileiro, são majoritariamente, criadas por lei e tem vínculo direto com um órgão governamental municipal, estadual ou federal que é responsável por sua manutenção. “São criadas para atender as necessidades informacionais de uma ou mais comunidades, ou seja, seu público é heterogêneo.” (MACHADO, 2008, p. 58). Segundo a Fundação Biblioteca Nacional “o conceito de biblioteca pública baseia-se na igualdade de acesso para todos, sem restrição de idade, raça, sexo, status social, etc. e na disponibilização à comunidade de todo tipo de conhecimento. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000, p. 17)

Já a biblioteca comunitária, conforme Machado (2008), pode ser identificadas como

projetos vinculados a um grupo particular de pessoas, que tem por objetivo atender esse mesmo grupo, os quais possuem os mesmos problemas, os mesmos interesses e a sua própria cultura, seja esse um grupo de especialistas em paleontologia ou um grupo de moradores de uma comunidade considerada de risco. (MACHADO, 2008, p. 62)

A autora diz ainda que as bibliotecas comunitárias, diferente das bibliotecas públicas, são legitimadas pela comunidade, uma vez que assim como ela, ficam a margem da sociedade e possibilitando um espaço onde os indivíduos se reconhecem e se identificam.

Já, para a biblioteca pública conseguir uma proximidade com a comunidade deve cumprir seu verdadeiro sentido de atuação sendo “livre, aberta, democrática, socializadora” somando “esforços para que transforme e seja transformada para e pelo usuário, e que, em razão deste, possa se tornar um ambiente vivo e efervescente de cultura.” (BERNARDI;SUAIDEN, 2011, p. 34). Para os autores, reconhecer a identidade da biblioteca pública como de caráter público e comum a todos, estreita a relação dela com a comunidade facilitando sua atuação e garantindo também, que os indivíduos compreendam e assimilem-na como um ambiente de interação entre informação e conhecimento.

É de suma importância para as comunidades rurais, tomarem conhecimento que a informação é algo essencial nos dias de hoje, tanto que, conforme expressa o IFLA (2013, p. 15) “Constitui um direito humano básico o de aceder e compreender a informação”.

A IFLA (International Federation of Library Associations and Institutions) ainda manifesta que

A informação é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, e a tecnologia da informação confere um poder considerável àqueles que lhe podem aceder e que a sabem usar. Apesar do seu rápido crescimento, a informação não está disponível a muita da população mundial e o fosso entre os ricos e os pobres em informação continua a aumentar em algumas áreas do globo. (IFLA, 2013, p. 15)

Assim, as comunidades rurais só irão atingir a liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sua sociedade e de seus indivíduos quando

estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como de um acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação. (IFLA, 1994)

A biblioteca pública e comunitária, enquanto instituições acessíveis a todos, desempenham papel fundamental neste processo de desenvolvimento, uma vez que organizam e tratam a informação e a disponibilizam em um amplo leque de fontes informativas. Machado (2008, p. 76) aponta que devido às novas tecnologias, “as bibliotecas públicas deveriam ser o ponto de apoio local para a sociedade ter acesso a informação.”

Para Machado (2008), tanto a biblioteca pública como a biblioteca comunitária cumprem a função de formar e educar os indivíduos, desenvolvendo seu pensamento crítico e contribuindo para a construção de novos conhecimentos através do acesso a informação e leitura.

Neste sentido, estas instituições aproximam as comunidades desfavorecidas de informação ao atual contexto social, uma vez que, conforme explicam Bernardi e Suaiden (2011), a democratização da leitura, e por sua vez o acesso à informação, são fundamentais para a consolidação de uma sociedade bem informada.

Esta concepção também é apresentada pela Fundação Biblioteca Nacional, que expõe que “ao exercer seu papel social e informativo, a biblioteca pública brasileira contribui de forma eficaz para minimizar um dos mais sérios problemas da sociedade atual, ou seja, a desigualdade entre os que têm acesso à informação e os que são desprovidos dela.” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000, p. 7).

Sobre o papel que a biblioteca pública pode exercer na vida de uma comunidade, a IFLA (2013, p. 16) salienta que “pode também prestar um contributo fundamental para a sobrevivência quotidiana e para o desenvolvimento social e econômico, ao estar diretamente envolvida na prestação de informação a comunidades em vias de desenvolvimento”, trazendo benefícios econômicos e sociais aos indivíduos e à comunidade.

Já Machado (2008), salienta que a biblioteca comunitária pode intervir na vida social e econômica da comunidade criando mecanismos para potencializar os talentos individuais das comunidades “constituindo-se como espaços públicos voltados para a emancipação, onde a prática cidadã possa aflorar de forma inovadora, criativa e propositiva.” (MACHADO, 2008, p. 51)

Como o propósito desta seção do trabalho é apresentar a biblioteca pública e comunitária como o lugar de acesso à informação em pequenas comunidades, é importante lembrar que a disponibilização das informações deve ser feita de acordo com as necessidades dos indivíduos daquela comunidade. Sobre esta questão, a Fundação Biblioteca Nacional recomenda que cabe aos responsáveis pela biblioteca “priorizar o desenvolvimento de suas funções de acordo com a realidade local e, até mesmo, identificar novas funções dentro de suas comunidades.” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000, p. 20-21).

A IFLA (2013) também indica que ao se construir os serviços e a coleção da biblioteca, as necessidades da comunidade devem ser tidas como base e os temas

que estão sendo discutidos pelos indivíduos devem ser conhecidas pela biblioteca para que ela possa oferecer informações que esclareçam o debate. A IFLA (2013) ainda reforça que a compatibilidade das informações fornecidas com a necessidade de seus usuários deve ser aferida com regularidade.

Sobre as particularidades das comunidades rurais, a Fundação Biblioteca Nacional, expõe o seguinte panorama:

estes são segmentos da comunidade que devem merecer uma atenção especial da biblioteca. Dentre os habitantes da área rural e/ou das áreas menos favorecidas das grandes cidades, encontra-se uma grande parcela de não leitores para os quais devem ser planejados e implantados serviços especiais. Esses segmentos da população não têm o hábito de usar a informação nem a biblioteca pública para apoiar as soluções de seus problemas cotidianos e auxiliar seu crescimento pessoal. A biblioteca deve ter um acervo apropriado para este segmento e procurar atingi-los por meio desse serviço. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000, p. 96)

Com isso, também é indicado para atender a demanda informacional dessas comunidades agrícolas que as bibliotecas públicas procurem obter os materiais que instituições oficiais como as Casas do Agricultor e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) fornecem para a áreas rurais. Também recomenda-se o uso de material audiovisual em áreas onde a tradição oral é forte, e o índice de analfabetismo ainda atinge altos níveis, uma vez que podem produzir maior resultado do que a informação impressa. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000, p. 96-97).

Diante do exposto, fica evidente que as bibliotecas, sejam públicas ou comunitárias, podem exercer um papel fundamental na vida de comunidades rurais desfavorecidas de informação, fomentando seu desenvolvimento social, cultural e econômico através da democratização da informação.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa realizada no âmbito do Bairro Varginha do Município de Ribeirão Branco, envolveu os indivíduos na discussão da importância de fontes de informação como subsídio para o desenvolvimento socioeconômico da cidade. Com isso, para melhor compreensão dos processos que envolvem indivíduo e sociedade, a pesquisa tem como pilares da fundamentação teórica a sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann, a sociologia processual e o figuracionismo de Norbert Elias e os estudos de representações sociais de Serge Moscovici.

A sociologia do conhecimento trata “não somente da multiplicidade empírica do ‘conhecimento’ nas sociedades humanas, mas também dos processos pelos quais qualquer corpo do ‘conhecimento’ chega a ser socialmente estabelecido como ‘realidade’.” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 13-14). Já “a sociologia processual de Elias busca através das relações entre as pessoas e entre os grupos, entender processos históricos e sociais.” (SILVA, 2011, p. 52)

Em a “Sociedade dos Indivíduos”, Norbert Elias afirma que faltam

[...] modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível, no pensamento, aquilo que vivenciamos diariamente na realidade, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como é que eles formam uma "sociedade" e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido, ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõem. (ELIAS, 1994, p.16)

Para Elias o problema dos modelos conceituais existentes é colocar indivíduo e sociedade como opostos, quando um é parte fundamental da existência do outro. Também nestes modelos há duas correntes, uma que assevera que toda construção social é um “meio” para o bem-estar do indivíduo e a outra que afirma ser a manutenção da unidade social a que ele compõe o “fim” da existência da vida individual (ELIAS, 1994). Porém, a relação de indivíduo e sociedade é um relacionamento de parte e todo, uma vez que “cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social” (ELIAS, 1994, p. 19).

A sociedade se dá pela dependência que um indivíduo tem de outro para seu desenvolvimento. Na configuração da sociedade vão se formando funções sociais

cada vez mais específicas e essas funções fazem com que os seres humanos tornem-se cada vez mais individualizados de forma a criar uma dependência existencial um do outro para a manutenção de si e da sociedade. Assim se forma uma rede social na qual cada indivíduo desempenha uma função que segue uma ordem e está sujeito a leis diferentes e mais poderosas do que aquilo que planeja e quer. Esta rede social proporciona uma “maior liberdade das relações humanas, no tocante ao controle exercido por mecanismos automáticos hereditários” (ELIAS, 1994, p. 38). Isto é, a chamada auto-regulação “instintiva” vai se transformando em uma auto-regulação “psíquica” de um indivíduo em relação a outro, e com isso as regularidades ou leis nascidas do entrelaçamento e interdependência dos mesmos assumem maior força, levando a mecanismos de mudança, transformação histórica que estão muito além do que pessoas isoladas planejaram ou desejaram.

Justamente por isso, o irrevogável entrelaçamento dos atos, necessidades, ideias e impulsos de muitas pessoas dá origem a estruturas e transformações estruturais numa ordem e direção específicas que não são simplesmente "animais", "naturais" ou "espirituais", nem tampouco "racionais" ou "irracionais", mas sociais.” (ELIAS, 1994, p. 39)

O que torna possível as pessoas conviverem de forma mais ou menos regulada, com o objetivo de juntas sanarem suas necessidades básicas como obtenção de alimento, proteção, etc., é a intervenção do caráter singularmente psicológico do controle comportamental humano, que regula as funções instintivas elementares do indivíduo, o que permite que sua vida comunitária dê origem a várias funções sociais interdependentes. (ELIAS, 1994)

É esta interdependência que as pessoas têm uma das outras que molda o indivíduo e o faz viver plenamente sua existência. Nos termos expostos por Elias “essa dependência nunca se deve exclusivamente a seus instintos, de um lado, ou ao que se chama pensamento, consciência, ego ou superego, conforme o ponto de vista do observador, de outro, mas é sempre uma relação funcional baseada nas duas coisas.” (ELIAS, 1994, p. 43).

A rede social e as leis que a regulam transformam o curso da história da humanidade, havendo momentos de pacificidade e momentos turbulentos e revolucionários, momentos de grandes manifestações artísticas e outros de declínio onde a arte é uma pálida imitação do que já foi produzido. Essas transições pelas quais a história transcorre não são determinadas pela natureza isolada de um

indivíduo, mas sim pela vida conjunta de muitos. Sendo assim “a história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos.” (ELIAS, 1994, p. 45)

Elias (1994) diz que para uma pessoa atingir a configuração singular que caracteriza determinada individualidade humana, deve passar por um longo e difícil processo social de moldagem de suas funções psíquicas na interação com outras pessoas. Para o autor, todas as pessoas são individualizadas até o último detalhe de sua configuração e de seu comportamento. Conforme sua ideia a individualidade é determinada a partir das relações das funções desempenhadas na sociedade em que vive, que acaba por caracterizá-lo como parte desta sociedade a partir das similaridades com outros indivíduos que também fazem parte da mesma rede social.

Aquilo que muitas vezes é conceitualmente separado como duas substâncias diferentes, ou duas camadas diferentes dentro do ser humano - sua "individualidade" e seu "condicionamento social" -, não passa, na verdade, de duas funções diferentes das pessoas em suas relações recíprocas, nenhuma das quais pode existir sem a outra. (ELIAS, 1994, p. 56)

Partindo para o campo de visão de Berger e Luckmann sobre a sociedade, é importante lembrar que os autores definem

“Realidade” como uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos “desejar que não existam”), e definir “conhecimento” como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas. (BERGER; LUCKMANN, 1985)

Berger e Luckmann (1985, p. 36-37) julgam que a análise fenomenológica é o método mais conveniente para esclarecer os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, pois é um método puramente descritivo, livre de hipóteses previamente concebidas e leva em conta o senso comum que “contém inumeráveis interpretações pré-científicas e quase-científicas sobre a realidade cotidiana, que admite como certas.”

Segundo os autores a realidade da vida diária é apreendida como uma realidade já ordenada, que é independente das nossas apreensões e que já é constituída por objetos que foram ordenados antes mesmo da nossa inserção na vida. Berger e Luckmann (1985, p. 39) dizem que experimentamos “a vida cotidiana em

diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente”, significando que nossa percepção da realidade da vida cotidiana não é dada a partir somente do “aqui e agora”, mesmo que essas presenças imediatas sejam responsáveis pela organização da realidade. A realidade da vida cotidiana também é apresentada como um mundo intersubjetivo uma vez que vivemos em conjunto com outras pessoas e não conseguimos existir neste mundo sem a interação e comunicação com elas.

Na realidade da vida cotidiana compartilhamos a mesma atitude natural em relação ao mundo, uma vez que todos organizam a realidade do mundo referente ao “aqui e agora” mesmo que o meu “aqui e agora” não seja o mesmo para o outro. As perspectivas sobre este mundo comum também diferem entre as pessoas, já que cada uma possui projetos, objetivos diferentes dos outros e estas diferenças podem e geram conflitos. Porém todos convivem no mesmo mundo e atribuem significados que são correspondentes aos significados atribuídos pelos outros, permitindo que haja respeito à realidade do mundo. A referida atitude natural é a atitude da consciência do senso comum compartilhada por todos que tem em comum o mesmo mundo. O conhecimento do senso comum é partilhado por nós no que refere a nossas atividades da vida cotidiana, por isso que “a realidade da vida cotidiana é admitida como sendo a realidade.” (BERGER; LUCKMANN, 1985)

Berger e Luckmann (1985) dizem que a realidade da vida cotidiana é estruturada espacial e temporalmente, porém para as considerações feitas em “A construção social da realidade” o que importa é o fator temporal. Para os autores a estrutura temporal da vida cotidiana é extremamente complexa, pois o tempo é composto “pela intersecção entre tempo cósmico e seu calendário socialmente estabelecido, baseado nas sequências temporais da natureza, por um lado, e o tempo interior por outro lado”, e estes devem sempre estar correlacionados. Assim, temos que sincronizar nossos projetos com os factos que a estrutura temporal da vida cotidiana nos apresenta.

Em relação à interação social, assim como Elias, Berger e Luckmann também evidenciam que necessitamos nos relacionar uns com os outros e fazermos parte de uma sociedade para que possamos nos tornar o que somos e construirmos a realidade em que vivemos. Os autores dizem que a relação face a face é o protótipo da interação social, sendo todas as outras relações derivadas desta. É na interação face a face que percebemos o outro como real e assim torna-se parte da realidade global da vida cotidiana.

Para Berger e Luckmann (1985) “a realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como “lidamos” com eles nos encontros face a face”. De acordo com este entendimento a “realidade social da vida cotidiana é portanto apreendida num contínuo de tipificações”. A soma destas tipificações compõe a estrutura social que é imprescindível para a construção da realidade da vida cotidiana.

Outro aspecto importante na construção da realidade da vida cotidiana é a linguagem. Segundo Berger e Luckmann (1985, p. 53) “a expressividade humana é capaz de objetivações, isto é, manifesta-se em produtos da atividade humana que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum.” Para os autores, somente através de objetivações é possível haver uma realidade da vida cotidiana e o caso mais importante da objetivação é a significação que se dá pela produção humana de sinais. Estes sinais são agrupados em sistemas que podem ser “gesticulatórios, de movimentos corporais padronizados, de vários conjuntos de artefatos materiais, etc.” Mas segundo os autores, “a linguagem, que pode ser aqui definida como um sistema de sinais vocais, é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana” uma vez que é principalmente através da significação linguística que podemos estabelecer objetivações da vida cotidiana que sejam comuns a todos e assim compreender a realidade da vida cotidiana. (BERGER; LUCKMANN, 1985)

Sobre esta questão de linguagem e comunicação no contexto da construção das relações sociais, é importante também compreender as representações sociais amplamente abordadas na obra de Serge Moscovici.

Os estudos de representações sociais desenvolvidos por Moscovici e seus colegas ao longo de mais de quarenta anos estão incluídos no campo da psicologia social do conhecimento que “está interessada nos processos através dos quais o conhecimento é gerado, transformado e projetado no mundo social”. (DUVEEN, 2004, p. 9)

Assim como nas teorias de Elias, Berger e Lukmann a interação entre os humanos constitui a chave para o desenvolvimento individual e social, em representações sociais também assume a mesma importância uma vez que

[...] o conhecimento é sempre produzido através da interação e comunicação e sua expressão está sempre ligada aos interesses humanos que estão nele implicados. O conhecimento emerge do mundo onde pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração. (DUVEEN, 2004, p. 8-9)

Isto significa que o conhecimento produzido pela sociedade não é gerado ao acaso, mas sim fruto do engajamento das pessoas em conquistarem os objetos de seus desejos e necessidades.

As representações sociais surgem de conflitos que perduram dentro das estruturas culturais de um povo que a priori já possuíam suas representações. Sendo assim, o fenômeno das representações está diretamente ligado as diferenças existentes na sociedade que resultam nos processos sociais. Segundo Duveen, Moscovici sugerem que “as representações sociais são a forma de criação coletiva, em condição de modernidade, uma formulação implicando que, sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente.” (DUVEEN, 2004, p. 16)

A transição para a modernidade dá condição para o desenvolvimento de representações sociais, uma vez que com ela há uma descentralização do processo de legitimação, que em tempos feudais da Europa, por exemplo, era centralizado no Poder da Igreja e Estado, que legitimavam o conhecimento e a crença. Na modernidade, avanços na ciência e nos meios de comunicação proporcionam que a legitimação do conhecimento seja garantida por representações dos diferentes grupos da sociedade, que em uma complexa e contestável dinâmica social procuram estabelecer uma hegemonia, não prevalecendo apenas uma instituição de legitimação. (DUVEEN, 2004)

Para Moscovici (2004), as representações possuem duas funções:

a) Em primeiro lugar, elas *convencionalizam* os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele.

É devido a esta convencionalização que podemos afirmar que a terra é redonda, por exemplo.

b) Em segundo lugar, representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós como uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado.

Segundo o autor, as representações que vivenciamos no decorrer de nossas vidas, não são pensadas por nós, mas sim re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas. Todo nosso conhecimento, até mesmo o científico e nossos sistemas de comunicação, como linguagem, imagens, etc. são uma estratificação em nossa memória que reflete um conhecimento anterior. (MOSCOVICI, 2004)

Moscovici (2004) diz que o que caracteriza a interação entre duas pessoas ou entre grupos é justamente a utilização das representações no processo de comunicação. Também diz que é através do processo de mudança que as representações se tornam capazes de nos influenciar em nosso comportamento num contexto coletivo, uma vez que é devido mudanças, que as representações são criadas e interiorizadas por nós num processo em que as ideias coletivas penetram no pensamento individual. (MOSCOVICI, 2004)

Para Moscovici (2004)

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. (MOSCOVICI, 2004, p. 41)

O autor também afirma que quanto menos pensamos nas representações, quanto menos somos conscientes delas, mais capazes de nos influenciar se tornam. Porém, não significa que não somos detentores de nossos pensamentos e ideias, não somos apenas receptores de representações passivamente. Segundo Moscovici (2004) pensamos por nós mesmos, produzimos e comunicamos nossas próprias representações que são específicas para questões que surgem em nossas vidas. Assim, em nossa interação com outros indivíduos, expomos nossas representações, impactando decisivamente em nossas relações sociais.

Moscovici (2004, p. 53) demonstra que: “a) as representações sociais devem ser vistas como uma ‘atmosfera’, em relação ao indivíduo ou ao grupo; b) as representações são sob certos aspectos, específicas de nossa sociedade.”

O autor também expõe dois conceitos, o de ancoragem e o de objetivação, que segundo ele são processos que geram as representações.

A ancoragem é “um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um

paradigma de uma categoria que pensamos ser apropriada.” (MOSCOVICI, 2004, p. 61)

Sendo assim, ancorar é o processo no qual nós pegamos algo que nos é estranho e não familiar e, portanto ameaçador, e o classificamos e damos nome de forma a torná-lo algo familiar.

Já o processo de objetivação é muito mais atuante que a ancoragem, pois ela “une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível.” (MOSCOVICI, 2004, p. 71)

Sendo nossas representações compostas por estes dois processos, ancoragem e objetivação, e visto que ambos tornam o não-familiar em algo familiar, para Moscovici (2004), é o mesmo que dizer que nossas representações dependem da memória. Sobre a memória relacionada aos dois processos, o autor diz

Ancoragem e Objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com o tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (MOSCOVICI, 2004, p. 78)

As teorias apresentadas nesta seção objetivaram principalmente orientar a pesquisadora quanto à metodologia que melhor responde aos objetivos da pesquisa. Também ajudaram na compreensão de como se dão os processos sociais, que é de suma importância para que esta pesquisa seja desenvolvida com qualidade.

4 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

No desenvolvimento da fundamentação teórica, foi visto que a construção da realidade de uma sociedade se dá através do relacionamento dos indivíduos e das representações criadas por eles. Ao se propor pesquisar este âmbito é importante adotar uma metodologia que assegure resultados mais próximos possíveis da realidade estudada, e conforme Flick (2009b, p. 20) explica, a pesquisa qualitativa "é de particular relevância ao estudo das relações sociais".

Sobre a pesquisa qualitativa, por muito tempo foi sinônimo de pesquisa não quantitativa, e como uma crítica a este método. Porém, segundo Flick (2009a) a pesquisa qualitativa tem uma longa história dentro de disciplinas, que utilizavam abordagens específicas para pesquisas sociológicas que depois de certo tempo passaram a conter esta denominação.

Flick (2009a, p. 16) diz que

A pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de numérico), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo.

Segundo Flick (2009a) há uma dificuldade de se formular uma definição genérica sobre a pesquisa qualitativa, pois este nome é usado como um guarda-chuva que acoberta vários enfoques da pesquisa nas ciências sociais, com abordagens hermenêuticas, reconstrutivas ou interpretativas. Contudo, Flick (2009a) cita a seguinte definição de Denzin e Lincoln (2005, p. 3) como parecendo ser uma boa definição para pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo dele uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo. Isso significa que os pesquisadores desse campo estudam as coisas em seus contextos naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem.

Lefèvre e Lefèvre (2003) apontam que quando queremos pesquisar qualitativamente o pensamento coletivo, temos de perguntar de uma forma ou de outra aos indivíduos o que eles acham de tal tema, isso nos leva a entrevista como meio de

fazer estas perguntas e obter respostas que representem o mais fidedignamente o que este indivíduo possui em sua consciência sobre o tema.

Segundo Poupart (2012) o argumento epistemológico para o uso da entrevista está no fato de que as condutas sociais só podem ser compreendidas e explicadas a partir da perspectiva dos próprios autores sociais. Sendo assim, a entrevista seria indispensável “não somente como método para aprender a experiência dos outros, mas igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos autores”. (POUPART, 2012, p. 217)

Além do argumento epistemológico que defende a entrevista, Poupart (2012) também discorre do argumento de ordem ética e política, qual argumenta que através da entrevista pode-se dar a palavra a grupos considerados excluídos socialmente, compensado de certa forma sua ausência ou falta de poder na sociedade. Assim a entrevista é um “instrumento privilegiado para denunciar, de dentro, os preconceitos sociais, as práticas discriminatórias ou de exclusão”. (POUPART, 2012, p. 220)

E para completar a defesa da entrevista, há dois argumentos de ordem metodológica, a entrevista é “uma ferramenta de informação sobre as entidades sociais e um instrumento privilegiado de exploração do vivido dos atores sociais” (POUPART, 2012, p. 222). Para Poupart (2012) o entrevistado é um informante tido como uma testemunha privilegiada, sendo observador de sua sociedade podendo através de seu discurso fomentar ao outro observador, que é o entrevistador, a visualização e reconstrução da realidade.

Devido à importância desta ferramenta em uma pesquisa, é importante tomar vários cuidados para que ocorra tudo bem durante a coleta das entrevistas, de forma a se obter um bom conjunto de discursos que sejam válidos aos propósitos da pesquisa.

Sendo assim, conforme orientações de Lefèvre e Lefèvre (2003) ao se elaborar um roteiro de entrevista alguns cuidados devem ser tomados:

- os objetivos da pesquisa devem ser formulados antes da elaboração das questões;
- devem ser evitadas questões que produzam representações cognitivas;
- devem ser evitadas questões que induzam as respostas;
- não fazer perguntas que tenham por objetivo produzir no entrevistado reações emocionais;

- não fazer perguntas que possibilitem sim ou não como resposta, ou seja, não incitem discurso;
- não fazer perguntas inadequadas para o entrevistado;
- elaborar questões com enunciados que sejam de fácil compreensão para o entrevistado.

Para Lefèvre e Lefèvre (2003), a pergunta ideal tem a capacidade de levar o entrevistado a produzir um discurso que represente o que ele realmente acha e não o que o entrevistador deseja obter como resposta. Os autores também lembram a importância de realizar um pré-teste da entrevista com indivíduos que possuam características similares as dos participantes da pesquisa, com o intuito de identificar melhorias nas questões elaboradas.

Antes de ir a campo, o pesquisador deve estar atento em planejar a pesquisa com responsabilidade e cuidado. Flick (2009a, p. 96-97) cita uma lista de princípios básicos da pesquisa eticamente sólida:

- O consentimento informado significa que ninguém deve se envolver na pesquisa como participante sem saber e sem ter oportunidade de se recusar.
- Deve-se evitar enganar os participantes da pesquisa (por meio da observação oculta ou lhes dando falsas informações em relação ao propósito da pesquisa).
- A privacidade dos participantes deve ser respeitada e sua confidencialidade, garantida e mantida.
- A precisão dos dados e sua interpretação devem ser princípios orientadores, o que significa que não deve ocorrer qualquer omissão ou fraude com a coleta e análise de dados na prática de pesquisa.
- Em relação aos participantes, o respeito pela pessoa é considerado essencial.
- Disposição para o bem, ou seja, consideração pelo bem-estar dos participantes.
- Justiça, que trata da relação de benefícios e ônus para os participantes da pesquisa.

Sendo assim, para o momento da entrevista, Lefèvre e Lefèvre (2003) também atentam para alguns cuidados que devem ser tomados. No momento da apresentação o entrevistador deve pedir o consentimento do entrevistado para participar da pesquisa, e sendo concedido o entrevistador deve solicitar que o participante assine o termo de consentimento livre e esclarecido.

Segundo os autores, os equipamentos utilizados para a gravação da entrevista devem ser testados com antecedência, no momento de iniciar a entrevista e também durante, para verificar a qualidade do áudio e cuidar para que o

equipamento não esteja em “pause”. Este teste é muito importante para que não ocorra a perda da entrevista, pois não é aconselhável repetir a entrevista caso ocorra alguma falha na gravação da entrevista, pois conforme explicam Lefèvre e Lefèvre (2003), esta repetição leva ao efeito-aprendizagem que deve ser evitado em pesquisas de representações.

Sobre o produto da entrevista, Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 10) lembram que ao se fazer perguntas aos entrevistados

A resposta vai consistir, necessariamente, de um discurso ou, mais precisamente, de um número variado de discursos individuais, em função do tamanho da população entrevistada; ora, discursos individuais constituem uma matéria-prima difícil de ser processada quando o objetivo é a produção de resultados coletivos.

Esta dificuldade leva à solução apresentada por Lefèvre e Lefèvre (2003), a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

O DSC como técnica de processamento de dados com vistas à obtenção do pensamento coletivo dá como resultado um painel de discursos de sujeitos coletivos, enunciados na primeira pessoa do singular, justamente para sugerir uma pessoa coletiva falando como se fosse um sujeito individual de discurso. (LEFÈVRE: LEFÈVRE, 2003, p. 32)

Para os autores, o DSC é uma forma de apresentar os resultados de uma pesquisa que “confere muita naturalidade, espontaneidade, vivacidade ao pensamento coletivo” (LEFÈVRE: LEFÈVRE, 2003, p. 32)

Lefèvre e Lefèvre (2003) apresentam três figuras metodológicas que são necessárias para a confecção dos DSCs. São elas, a expressão-chave (ECH), ideias centrais (IC) e ancoragem (AC).

As ECH “são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhados [...] pelo pesquisador, e que revelam a essência do depoimento ou, mais precisamente, do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento” (LEFÈVRE: LEFÈVRE, 2003, p. 17).

Os autores explicam que é através da matéria-prima desta figura metodológica que se constroem os DSC.

Já a IC é um nome ou expressão linguística que de maneira sintética, precisa e fidedigna revela e descreve o sentido de cada um dos discursos analisados. Lefèvre

e Levèvre (2003) salientam que a IC não é uma interpretação do depoimento, mas sim uma descrição do sentido do mesmo.

E a AC é uma figura metodológica inspirada na teoria da representação social, “que é a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa” de forma, como foi visto na fundamentação teórica, a enquadrar a situação específica a algo familiar para o enunciador do discurso. (LEFÈVRE: LEFÈVRE, 2003, p. 17).

No momento de fazer o encaixe destas três figuras, os autores lembram a importância de seguir alguns princípios:

- Coerência: é a soma (não matemática) de partes isoladas de discursos que forma um discurso-síntese coerente. Todas as partes se reconhecem como compondo este discurso e o discurso construído por estas partes.
- Posicionamento próprio: este discurso produzido expressa seu posicionamento, distinto, autêntico específico diante do tema pesquisado.
- Tipos de distinção entre os DSC: quando diante de uma resposta, acontecer mais de um DSC pode-se utilizar o critério de distinções de diferença/antagonismo (sua apresentação deve ser separada) e o de complementaridade (a apresentação em separado fica a critério do pesquisador se deseja resultados mais genéricos ou mais detalhados).
- Produção de uma ‘artificialidade natural’: para que o discurso coletivo “pareça falado por uma só pessoa” deve-se limpar as particularidades que são mencionadas nos discursos nos pedaços selecionados da fala do entrevistado. Deve-se igualmente encadear a narrativa dos discursos para que tenha estrutura seqüencial clara e coerente. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005 *apud* SILVA, 2011, p. 88)

Esta fundamentação metodológica é fundamental para a compreensão dos procedimentos metodológicos que foram adotados pela pesquisadora para a obtenção dos discursos dos agricultores do bairro Varginha, no município de Ribeirão Branco, seu tratamento e as análises feitas de forma a alcançar o objetivo principal da pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EMPREGADOS

Conforme foi visto anteriormente, para que uma pesquisa alcance os objetivos propostos. É necessário que procedimentos metodológicos sejam adotados para todos os processos que envolvem a coleta, tratamento e análise dos dados. Também é necessário que estes procedimentos sejam descritos a fim de que a pesquisa seja possível de ser atestada por outros pesquisadores através da reprodução do método e também para que os leitores compreendam como se deu o processo de pesquisa.

Sendo assim, as seções a seguir descrevem os procedimentos metodológicos empregados pela pesquisadora. Compreendem a escolha do tipo de pesquisa adotada, a escolha dos participantes, as ferramentas utilizadas para a coleta de dados e a técnica utilizada para tratá-los tornando possíveis de serem analisados e interpretados.

5.1 Tipo de pesquisa

Se trata de uma pesquisa em que se buscou captar as percepções de uma coletividade de agricultores sobre a informação, é necessário ir além de uma pesquisa quantitativa, pois como expõem Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 9) o método quantitativo “é inadequado quando o objeto é o pensamento coletivo porque não permite uma correta apreensão desse pensamento como objeto de investigação.”

Assim, esta pesquisa é de caráter qualitativo, buscando recuperar e resgatar os pensamentos presentes na consciência dos agricultores em relação à informação como subsidio para o seu desenvolvimento socioeconômico.

5.2 Participantes

Os participantes da pesquisa foram selecionados conforme os critérios relacionados a seguir:

- Integrantes de agricultura familiar;
- Residentes em um mesmo bairro situado em região rural;
- Mesma cultura agrícola predominante como principal fonte de renda;
- Com produção predominantemente destinada a todo o estado de São Paulo;
- Chefes de família.

Estes critérios foram estabelecidos para garantir um grupo de participantes com características semelhantes, necessário para uma melhor obtenção de resultados na técnica adotada para o tratamento das entrevistas.

Para identificar os candidatos que participaram da pesquisa, a pesquisadora teve o auxílio da moradora do município Claudia, que buscou na Casa da Agricultura informações que levaram a identificação da comunidade agrícola que continha o maior número de integrantes que se enquadravam nos critérios estabelecidos. Segundo o quadro apresentado pela Casa da Agricultura, o Bairro Varginha foi identificado como o que continha o perfil de moradores que se desejava entrevistar.

Claudia também colaborou indo até o bairro e fazendo um primeiro contato com um grupo de agricultores que estavam reunidos no único comércio local. Nesta ocasião ela falou aos agricultores que o bairro havia sido selecionado para participar da pesquisa e levantou uma lista com o nome e alguns contatos telefônicos, dos agricultores que ali se encontravam e também de outros que foram indicados, sendo que todos tinham o perfil desejado para a pesquisa.

Com esta lista em mãos, já estando na cidade de Ribeirão Branco, a pesquisadora tentou contato por telefone com aqueles que o forneceram para agendar um dia e horário para conversar sobre a participação na pesquisa, porém o contato não foi possível em decorrência de alguma falha no sistema de telefonia do bairro.

Com isso ficou decidido se encaminhar até o bairro e procurar pelos agricultores em suas residências e convidá-los a participar da pesquisa. Como o método adotado para tratar e analisar os dados foi o DSC, era necessário realizar um número de entrevistas que fosse suficiente para identificar nos discursos as representações dos participantes. Porém, em função do tempo disponível para coleta e tratamento dos discursos o número de entrevistas não deveria exceder de doze. Sendo assim ficou estabelecido que seriam feitas no mínimo oito entrevistas e o máximo doze.

Na ocasião dos dias da coleta de dados foram convidados a participar da pesquisa onze agricultores com o perfil adequado aos critérios da pesquisa, destes, dez participaram da pesquisa.

5.3 Ética na pesquisa

A pesquisadora informou aos candidatos os objetivos da pesquisa para eles ficarem cientes do propósito da pesquisa e da importância de sua participação. Antes da aplicação do questionário e da entrevista foi entregue ao participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B). Esse instrumento, assim como a iniciativa de adotá-lo, teve por base a Resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética na Pesquisa, do Conselho Nacional de Saúde.

5.4 Instrumentos para a coleta de dados

Para a realização da pesquisa foram utilizados três instrumentos para a coleta de dados: a entrevista, o questionário e o diário de entrevistas. A entrevista foi o principal instrumento, uma vez que era necessário encontrar as representações sociais dos participantes, sendo estas fundamentais para o estudo. Os outros instrumentos auxiliaram na obtenção de informações pertinentes para alcançar os objetivos da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada nos dias cinco e sete de agosto de 2014, nas residências dos informantes.

5.4.1 Questionário socioeconômico

O questionário (Apêndice C) foi uma ferramenta de coleta de dados utilizada para identificar o perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa, informações estas utilizadas para auxiliar na análise dos resultados obtidos.

O questionário é composto por questões de múltipla escolha e discursivas, divididas em cinco blocos de questões: 1 - Identificação geral; 2 - Composição da família residente na propriedade; 3 - Escolaridade; 4 - Características da propriedade; e 5 - Necessidades informacionais.

O questionário foi aplicado antes da entrevista, após o participante assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Parte dos dados coletados foram organizados e apresentados em quadros que sintetizam as respostas dos participantes, possibilitando uma visualização do perfil dos agricultores e de suas propriedades. Os demais resultados foram descritos

no decorrer do texto da seção 6.1 na qual também são feitas algumas observações sobre o perfil da comunidade estudada.

5.4.2 Diário de entrevistas

Nesta pesquisa o diário de entrevistas foi mais uma ferramenta complementar a obtenção de informações pertinentes aos objetivos da pesquisa. Segundo Silva (2011, p. 84) “o diário de entrevistas é um recurso informal que permite ao pesquisador registrar todas as suas percepções, possibilita anotações sobre o ambiente da entrevista, curiosidades, imprevistos, oferecendo um detalhamento dos momentos e processos da pesquisa”.

Para a autora, este instrumento de pesquisa, busca transportar o leitor para o ambiente das entrevistas, possibilitando a ele a oportunidade de experimentar um pouco do que foi vivenciado pelo pesquisador nos momentos das entrevistas, assim como “auxiliar no entendimento a respeito da atmosfera em cada uma das entrevistas e do papel desempenhado pela pesquisadora e entrevistado.

Para redigir o diário, durante o período que a pesquisadora esteve no bairro Varginha, foram tomadas notas que posteriormente serviram para resgatar a memória dos acontecimentos, sensações e ambientes que estiveram presentes nos dois dias de entrevistas.

5.4.3 Entrevistas

Para realizar as entrevistas, a pesquisadora seguiu um roteiro de entrevistas (Apêndice A) constituído por seis questões. Os entrevistados foram questionados inicialmente sobre seu processo de aprendizado para trabalhar no campo, para depois serem questionados sobre suas opiniões em relação à importância da informação e as questões que permeiam seu acesso. A última questão foi deixada em aberto para os entrevistados falarem livremente sobre algum aspecto que eles julgassem importante e que não foi abordado nas questões anteriores.

Foi realizado um teste do roteiro de entrevista com o objetivo de identificar possíveis dúvidas que poderiam surgir nos entrevistados em relação ao enunciado das questões da entrevista e do questionário socioeconômico e também para verificar

a qualidade da captação de áudio da câmera digital que foi utilizada para gravar as entrevistas.

O teste ocorreu dois dias antes das entrevistas definitivas e contou com a participação presencial de três agricultores do município de Ribeirão Branco. No teste foi identificado que a terminologia adotada nas questões da entrevista era de difícil compreensão para os membros da comunidade agrícola de Ribeirão Branco e por isso o roteiro de entrevista foi reformulado com uma terminologia mais próxima da realidade do vocabulário da comunidade alvo da pesquisa.

O questionário socioeconômico passou no teste sem necessidade de ser reformulado.

5.5 Tratamento e análise dos discursos

A técnica para tratar e analisar os discursos coletados pela pesquisadora nas entrevistas dos produtores agrícolas da zona rural de Ribeirão Branco foi a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo que é capaz de resgatar “os valores, as crenças, as representações, enfim, as várias formas de que se reveste o sentido atribuído pelos atores sociais aos eventos que cercam a vida deles” (LEFÈVRE: LEFÈVRE, 2009, p.13)

Para utilizar tal técnica, as entrevistas gravadas em vídeo foram transcritas na íntegra conforme Apêndice D. As transcrições foram feitas após a realização de todas as entrevistas, e mantiveram as características do vocabulário dos entrevistados, porém algumas orações foram suprimidas por se repetirem ou por não terem a ideia da frase concluída. Este procedimento foi tomado para deixar o texto mais conciso, facilitando a etapa de tabulação dos dados.

Para esta etapa Lefèvre e Lefèvre (2003) explicam que o processo deve ser seguido da seguinte forma: 1º passo: as questões devem ser analisadas separadamente, criando um quadro no qual na coluna de ECH deve-se alocar o conteúdo integral de cada resposta correspondente a questão trabalhada, este quadro será o Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD 1); 2º passo: devem ser destacadas nos discursos as ECH das ICs com marcações utilizando grifos, sublinhados, etc.; 3º passo: devem ser identificadas as ICs e colocá-las em um quadro destinado a elas; 4º passo: devem ser feitos agrupamentos das ICs de mesmo sentido, ou equivalentes ou complementares, identificando cada grupo através de letras (A, B, C, e assim

por diante); 5º passo: deve-se criar uma ideia central-síntese para cada grupamento que expresse de melhor forma possível o sentido das ICs contidas nele; 6 º passo: deve-se construir o DSC utilizando o IAD 2 que consiste nos seguintes passos:

- Copiar do IAD 1 as ECH do mesmo grupamento e colocá-los na coluna das ECH do IAD 2
- Construir o DSC de cada grupamento, propriamente dito. Para isso, deve-se sequenciar as ECH num esquema de começo, meio e fim ou do mais geral para o mais particular. A ligação entre as partes do discurso é feita por meio de conectivos que dão coesão (assim, então, logo, enfim...), também se eliminar as particularidades (sexo, idade, eventos particulares...). Deve-se utilizar para construir o DSC todo o material das ECH.(LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005 *apud* SILVA, 2011, p. 89)

Sobre os recursos para diferenciar o discurso dos entrevistados das intervenções feitas pela pesquisadora, as transcrições dos discursos foram grafadas em itálico em todas as etapas da tabulação conforme sugerem Lefèvre e Lefèvre (2003) e as intervenções, que foram necessárias para dar coerência ao DSC final, foram destacadas com negrito.

Para construção do DCS final, a pesquisadora reuniu todos os DCS dos IAD 2 em um único texto e depois de uma leitura cuidadosa foram suprimidas as ideias que se repetiam ou que não acrescentavam de forma consistente representações importantes para a pesquisa. Com isso se chegou a DSC final, que teve seu conteúdo transcrito para uma linguagem formal, mas mantendo alguns traços, como a locução do "a gente" que representa para os entrevistados o sujeito em primeira pessoa, ou seja o "eu".

6 RESULTADOS

Nesta seção estão apresentados os resultados obtidos na pesquisa. O perfil dos entrevistados que foi coletado por meio do questionário socioeconômico, o diário de entrevista que apresenta as características dos ambientes visitados e conta um pouco da vivência adquirida pela pesquisadora no processo das entrevistas. Por último é apresentado o DSC final, que é a síntese dos discursos coletados nas entrevistas, e as análises e interpretações feitas sobre as representações observadas neste DSC.

6.1 Apresentação do perfil dos entrevistados

Os resultados do questionário socioeconômico mostram que os participantes das entrevistas compõem um grupo de indivíduos com as mesmas características na maioria das questões, diferenciando em apenas alguns aspectos. Devido a isso a pesquisadora considerou necessária a utilização de quadros apenas para expressar estas características que possuem variações relevantes para traçar o perfil dos entrevistados. Os dados do restante das questões foram comentados no decorrer desta seção.

Começando pelo não tão inesperado resultado de que todos os entrevistados são do gênero masculino. Vale ressaltar que um dos critérios para seleção dos participantes era a de ser o(a) Chefe de família, sem distinção de gênero, porém como imaginado pela pesquisadora, todas as famílias que possuíam as características necessárias para participar da pesquisa eram patriarcais, demonstrando que nesta comunidade ainda há a evidente distinção de afazeres, na qual o homem cuida dos negócios e a mulher fica encarregada da casa, filhos e em muitos casos de também trabalha com o marido na lavoura.

Os entrevistados são todos naturais de Ribeirão Branco e possuem idade entre 22 e 62 anos. Todos são casados e possuem filhos, com exceção do entrevistado com menor idade. Os entrevistados moram com suas esposas e filhos a não ser por um que respondeu morar com a esposa, filha, genro e neta.

Sobre a escolaridade dos entrevistados, o nível mais alto foi o ensino médio completo, destacando que são os participantes com menos idade que chegaram a este nível. Os demais fizeram no máximo até a 4ª série do ensino fundamental, que

na época em que cursaram ainda era conhecido por primário. É importante ressaltar que nenhum dos entrevistados apresentou dificuldade clara em ler o questionário ou o termo de consentimento livre, porém alguns, devido à dificuldade de visão solicitaram que a pesquisadora fizesse a leitura de ambos para que eles pudessem responder sem tomar muito tempo para este fim.

Quadro 1: Identificação da idade do entrevistado, composição familiar e escolaridade

Idade	Filhos que moram com o entrevistado	Integrantes da família	Escolaridade do entrevistado
33	1	3	Ensino Médio Completo
57	2	4	Até 4ª Série
52	2	4	Até 4ª Série
22	0	2	Ensino Médio Completo
25	1	3	Ensino Médio Completo
48	1	3	Até 4ª Série
36	1	3	Ensino Médio Incompleto
62	1	5	Até 4ª Série
54	1	2	Até 4ª Série
52	2	3	Até 4ª Série

Fonte: Autora (2014)

Outra constatação obtida através do questionário, mas não por resposta direta a uma questão e sim por comentário feito em relação ao conteúdo de uma das questões, é que alguns dos participantes possuem filhos que moram em outras cidades para cursar a graduação, porém nenhum deles o faz na área da agricultura, demonstrando um pequeno panorama da realidade dos municípios rurais, que tem suas novas gerações interessadas em continuar os estudos, mas não em áreas voltadas para o trabalho que os pais fazem no campo.

Um importante aspecto levantado pelo questionário são as tecnologias de informação e comunicação que os entrevistados têm para uso da família. Como pode ser observado no Quadro 2, os entrevistados possuem ao menos uma televisão e um aparelho DVD, porém apenas três possuem assinatura de canais pagos (TV por assinatura). O rádio está presente na casa de seis de dez entrevistados, demonstrando que este perdeu espaço para a televisão no que diz respeito à prioridade de obtenção de um bem de consumo que forneça entretenimento e informação.

Para a comunicação, as famílias utilizam o telefone celular, porém, conforme relatado pelos entrevistados é um "celular fixo" que eles utilizam apenas nos entornos da casa. Segundo os entrevistados, os aparelhos foram obtidos por intermédio do Sindicato dos Agricultores Familiares. O microcomputador ainda é pouco utilizado pelo

grupo de entrevistados, ao menos dentro de suas casas, pois conforme a pesquisa, apenas três famílias possuem um computador e destes três apenas uma possui acesso à internet.

Quadro 2: TICs que os entrevistados possuem em casa

	TV	DVD	Rádio	Microcomputador	Tel. Fixo	Tel. Celular	Internet	TV por assinatura
Entrevistado A	1	1	1	0	0	1	0	0
Entrevistado B	2	1	1	0	0	1	0	0
Entrevistado C	2	1	1	1	0	1	0	0
Entrevistado D	1	1	1	1	0	2	1	1
Entrevistado E	1	1	0	0	0	2	0	0
Entrevistado F	2	1	1	0	0	1	0	1
Entrevistado G	1	1	1	0	0	1	0	1
Entrevistado H	1	1	0	0	0	1	0	0
Entrevistado I	1	1	0	0	0	1	0	0
Entrevistado J	1	1	0	1	1	3 ou mais	0	0

Fonte: Autora (2014)

Para identificar o perfil da propriedade foram questionados o tamanho da propriedade, a renda anual da família obtida através da agricultura e as ferramentas que eles dispõem para o trabalho. No Quadro 3, que expressa o resultado dos dois primeiros aspectos desta parte da pesquisa, nota-se que mesmo os entrevistados que possuem propriedades maiores o rendimento anual não ultrapassa trinta mil reais, o que indica que mesmo com disponibilidade de terra para cultivo, apenas uma parcela é utilizada, talvez por escassez de recursos ou mão de obra, uma vez que apenas um entrevistado respondeu possuir dois funcionários, e conforme Quadro 4, os agricultores participantes possuem em sua maioria apenas os implementos mais básicos para a produção, não permitindo uma produção de maior escala que aproveite todo o potencial de sua propriedade.

Durante o processo de preenchimento do questionário socioeconômico os entrevistados comentaram que muitos dos implementos são locados de terceiros ou emprestado por algum familiar. No caso do transporte dos tomates para os pontos de venda, eles confiam sua produção a um terceiro que possui o caminhão; ele vende o

produto e depois retorna com a parte que cabe ao agricultor, já descontando o valor do frete.

Quadro 3: Tamanho e rendimento anual das propriedades

Tamanho da propriedade cultivada	Renda anual
3 Alqueires*	R\$ 24.000,00
1 Alqueire	R\$ 20.000,00
1 Alqueire	Não soube informar
1 Alqueire	R\$ 12.000,00
1 Alqueire	R\$ 12.000,00
Arrenda terra	Não soube informar
15 Alqueires	R\$ 24.000,00
7 Alqueires	R\$ 20.000,00
9 Alqueires	R\$ 30.000,00
2,5 Alqueires	R\$ 6.000,00

Fonte: Autora (2014)

Quadro 4: Automóveis e implementos agrícolas que os entrevistados possuem

Automóveis e implementos agrícolas	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Carro	1	0	1	1	1	0	1	1	1	1
Caminhão e/ ou caminhonete	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Trator	1	0	1	1	1	1	0	0	1	0
Bomba de irrigação	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0
Bomba de Sulfato	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1
Grade aradora	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0
Grade niveladora	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Arado subsolador	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0
Arado fixo	1	0	1	1	0	0	0	1	1	1
Sucadora	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Semeadeira	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Raspadeira	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Plaina	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Roçadeira tratorizada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reboque tanque	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reboque agrícola (carreta)	1	0	1	1	1	1	0	0	1	0
Classificadora	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Autora(2014)

As três últimas questões do questionário foram utilizadas para identificar as necessidades informacionais dos entrevistados e como eles buscam estas informações. As questões eram discursivas e os entrevistados responderam com poucas palavras, mas foi o suficiente para traçar o seguinte perfil.

1º As informações que eles consideram necessárias para terem bons resultados na lavoura são:

- Qualidade dos insumos utilizados (semente, agrotóxico e adubo) e da terra;
- Condições climáticas;
- Períodos do ano adequados para o cultivo de cada plantação;

- Processo de adubagem e;
- Controle de pragas.

2° Para obter as informações citadas anteriormente, a fonte de informação utilizada que teve a maior ocorrência nas respostas dos entrevistados foi constituída pelos vendedores das lojas de agricultura, mas também foram citados os programas de televisão, como o Globo Rural, o engenheiro agrônomo, palestras, cursos e livros.

Nesta questão, é notado um aspecto importante sobre a forma como esses agricultores veem a informação para subsidiar seu trabalho. Eles confiam e utilizam muito mais as informações informais do que as informações formalizadas em documentos escritos, visto que apenas em uma resposta o livro foi citado como fonte para a obtenção de informação e todas as outras fontes citadas podem ser consideradas fontes de informação oral, uma vez que as informações são passadas através do diálogo entre agricultor e um intermediador da informação.

3° O principal meio de acesso às fontes citadas, coerentemente, é representado pelas lojas de agricultura, seguidas pela televisão, e citado apenas uma vez, Casa da Agricultura, Sindicato e a internet.

Os resultados obtidos com o questionário socioeconômico complementam as informações do diário de campo e do DSC que serão apresentados nas próximas sessões.

6.2 Discurso do Sujeito Coletivo Final

*A gente as vezes não tem muito acesso à **informação** e tem hora que deixa também de lado um pouco **ou até** nunca procura para se informar. Raramente a gente procura, a gente já é acostumado a trabalhar, só quando dá um problema sério que não consegue resolver daí corremos atrás. Hoje em dia quanto mais informação melhor. Para conseguir produzir mais, tem que sempre ter informação. **Por isso** a agricultura não pode mais ficar sempre no mesmo, sempre tem que se atualizar, mesmo que a gente não estude, precisa ter informação de novas técnicas. A gente tem que aprimorar mais as coisas. A gente pega informações em livros, essas coisas, porque nos livros têm, não todos, mas tem uns livros que fala a verdade, **mas a gente** não busca tanto em livro, essas coisas **a gente vê** pela televisão, **em** um programa que está passando, **ai** você vai aprendendo. **A gente também** trabalha com informação **que o pai passou pra gente. A gente consegue informação** procurando*

o agrônomo, **que** é pessoa especializada, **pois** eles sabem tudo certinho o que põem para produzir mais. Nas lojas de veneno e revendedores, para saber a semente que estão usando, que está produzindo mais **e eles também tem** contato com várias pessoas **que estão** fazendo trabalho que as vezes está dando certo. **Também tem** as palestras que a gente sempre vai. Cada ano que passa tem coisa nova, que eles passam pra gente. As vezes a gente faz uns cursos básicos e técnicos. **Mas** geralmente nós usamos mais as informações tipo falado, assim conversando com os outros que plantam, pede ajuda para aquele que entende mais e procura ver com a loja o que está saindo mais, o que está tendo mais procura para comprar também. É sempre bom estar se comunicando, cada um tem uma ideia diferente, um conhece uma coisa, o outro conhece outra, então a gente troca informação e fica sabendo de bastante coisa. As vezes tem alguma coisa que não sabe, ai pergunta pra quem sabe. É importante conversar, passar a informação um para o outro e trocar informação sobre uma técnica que dá certo **para o** outro tentar seguir, **ou então** dar uma dica para o outro **sobre um produto** que usou e deu certo. **Mas às vezes** é difícil, porque uns dão informação boa para você, conta certinho, mas outros não contam bem certo. **O local para buscar informação** seria casa da agricultura, **ou o** sindicato **ou** um tipo de cooperativa. Eu procuro em loja. Em Ribeirão tem a casa da agricultura mas não funciona direito, não é bom. Deveria ter um outro local, o certo é a prefeitura ter um centro mas não tem, o prefeito que devia colocar um centro ali para melhorar o município. Seria mais fácil se a prefeitura tivesse uma pessoa para orientar, **como** um agrônomo para ajudar na agricultura. Se o sindicato cooperasse mais também, tivesse mais informação, seria bem melhor. **Também** podíamos se unir mais e fazer **um local onde se tenha** mais informação **através do** acesso a várias fontes de informações e que também tenha várias pessoas que fizeram um projeto que deu certo e deixar ali sua experiência para poder **servir de exemplo para** os outros, **que** vão tenta usar. Que tivesse um agrônomo que fosse nas roças ver como funciona para poder explicar para outras pessoas **o que fazer ou até mesmo** ter um agrônomo em cada bairro instruindo o povo **porque** não adianta nada ter o agrônomo mas ficar só lá sentado e não fazer nada, não resolver nada. Tem que ir atrás dele e eles ficarem mais próximos da gente. **Até porque** ele tem a experiência de estudo mas não de campo e acha que sabe tudo mas não sabe mais que a gente. **Ele** tem que pôr na prática o que aprendeu, **porque** as vezes ficar só no livro não adianta, **tanto que** muitas vezes a pessoa que trabalha na loja tem mais experiência que um agrônomo. Em muitas lojas tem gente

*que vende, mas entende muito menos que a gente que está indo pra comprar. Falta muito incentivo **para o agricultor** da parte da prefeitura, **porque** chega na época de tirar a mercadoria **da lavoura** não existe estrada. **Também** teria que ter uma **melhora nos tipos de financiamento**. **E** para a agricultura tem que melhorar mais a parte da venda, que é o pior de tudo. Seria bom se tivesse uma tabela para vender **com** um preço bom, se tivesse uma média boa seria bom.*

6.3 Análise e interpretação do DSC

O DSC apresentado expressa de forma sintética as representações dos agricultores familiares de Ribeirão Branco sobre a importância da informação no seu desenvolvimento socioeconômico. As representações do sujeito coletivo mostram que na sociedade rural de Ribeirão Branco a informação é considerada importante, porém o impacto que ela tem efetivamente sobre as ações diárias se apresenta muito diferente do impacto que ela surte em sociedades urbanas e mais competitivas.

Essa diferença se dá, olhando pelas lentes do figuracionismo de Norbert Elias, pela forma como se deu o desenvolvimento e a divisão das funções na sociedade. Por muito tempo o agricultor, pela sua função exercida na sociedade não teve a necessidade de procurar por educação, por especialização, pois suas atividades não exigiam muito mais do que o conhecimento prático e também senso comum, que foi passado de geração para geração. E esta representação de que o homem do campo, apesar de saber da importância da informação, não precisa se manter atualizado com informações novas ainda está muito presente na sociedade de Ribeirão Branco, e isto é identificado na fala do sujeito coletivo que afirma que "*Raramente a gente procura, a gente já é acostumado a trabalhar, só quando dá um problema sério que não consegue resolver daí corremos atrás*". Neste trecho do DSC, fica claro que mesmo com todos os avanços tecnológicos tanto na área da agricultura, como no desenvolvimento das TIC, que possibilitam um maior acesso as inovações sobre a agricultura, os agricultores ainda se prendem na forma tradicional de trabalhar no campo, aquela que foi aprendida com o pai, que antes aprendeu com o avô e assim por diante.

Por outro lado, quando o sujeito coletivo diz que "*para conseguir produzir mais, tem que sempre ter informação*". **Por isso** a agricultura não pode mais ficar sempre no mesmo, sempre tem que se atualizar, mesmo que a gente não estude,

precisa ter informação de novas técnicas.", é percebido que com a aproximação do rural com o urbano, através das TIC, principalmente a televisão e o rádio, começa a haver uma ruptura das representações dos agricultores sobre a agricultura e sua relação com as inovações. Com esta aproximação, aos poucos os agricultores vão percebendo que podem melhorar suas condições de vida se começarem a aplicar novos conhecimentos em suas práticas diárias.

Quando questionados sobre as fontes de informação que são utilizadas por eles, na fala do sujeito coletivo, é constatado que há uma predominância da utilização de fontes orais de informação, como a televisão, conversa com um agrônomo, um vendedor ou outro agricultor. Como o sujeito coletivo diz, *"usamos mais as informações tipo falado"*.

Fontes impressas como revistas, folhetos, cartilhas, etc. sequer são citadas. E o livro quando citado, vem acompanhado por uma ressalva, *"nos livros tem, não todos, mas tem uns livros que fala a verdade"*. Esta ideia de que os livros nem sempre falam a verdade leva a uma reflexão de como a construção da realidade dos agricultores familiares pode ser diferente das outras classes trabalhadoras. Quando o sujeito coletivo expressa esta desconfiança sobre os conteúdos dos livros, ele deixa subentendido que na prática das suas atividades diárias no trabalho, o que é apresentado no livro não funciona, isto o leva a acreditar que aquilo registrado no livro não é verdade, mas ele talvez não tenha refletido nos fatores que levaram à técnica descrita ter falhado, como diferença no solo, na água, enfim, há vários fatores que podem ter interferido em sua prática.

Isto é uma expressão da dificuldade dos agricultores familiares de Ribeirão Branco em consultar uma obra escrita e trazer suas explicações para sua realidade prática. Isto ocorre porque o domínio da leitura é quase inexistente nesta comunidade e conforme já foi colocado nesta pesquisa, comunidades rurais tem uma tradição oral muito forte para a troca de informações.

Porém, nesta forma de trocar informação, o sujeito coletivo demonstra muitas vezes que suas expectativas informacionais nem sempre são correspondidas. Os agricultores depositam sua confiança nos engenheiros agrônomos, nos vendedores das lojas de insumos e nos outros agricultores, porém para cada um desses intermediadores de informação, o sujeito coletivo indicou algum tipo de desapontamento.

O agrônomo que por vez, é *“pessoa especializada, pois eles sabem tudo certinho o que põem para produzir mais”* na percepção do agricultor familiar de Ribeirão Branco é visto como uma figura ausente das roças da comunidade. Como é colocado pelo sujeito coletivo, *“não adianta nada ter o agrônomo, mas fica só lá sentado e não fazer nada, não resolver nada. Tem que ir atrás dele e eles ficarem mais próximos da gente.”* Assim, como uma solução para as necessidades de informação dos agricultores, eles acreditam que a presença de um agrônomo próximo a eles, no dia a dia do trabalho, seria benéfica tanto para o agricultor que assim pode absorver melhor os conhecimentos passados pelo agrônomo, e para o agrônomo que em conjunto com o agricultor, colocará em prática e consolidará os conhecimentos adquiridos em sua formação acadêmica.

Já o vendedor de loja de insumos, é uma figura recorrente no discurso do sujeito coletivo. Ele é apontado como uma das fontes de informação e nele é depositada a confiança do agricultor, que baseado na sua experiência de venda e seus conselhos, opta por este ou aquele insumo. Porém, *“em muitas lojas tem gente que vende, mas entende muito menos que a gente que está indo pra compra.”*, que é algo prejudicial e necessário de ser melhorado.

Quando questionado sobre a comunicação informal que ocorre entre os agricultores, o discurso afirma que este é um processo muito importante para eles, pois é através dela que eles complementam seus conhecimentos. Para o sujeito coletivo *“É sempre bom estar se comunicando, cada um tem uma ideia diferente, um conhece uma coisa, o outro conhece outra”* e com esta troca de informação eles *“fica sabendo de bastante coisa.”* Nesta representação da realidade, o sujeito coletivo demonstra que ele confia e dedica seu tempo em procurar por informações práticas, ou seja, ele procura por relatos de experiência de seus parceiros para repetir os procedimentos que surtiram resultados positivos e evitar aqueles que não tiveram bons resultados.

Assim como as fontes de informação utilizadas pelos agricultores familiares de Ribeirão Branco são bastante diferentes das da maioria da sociedade atual, os locais que eles consideram como fornecedores de informação também são diferentes. No discurso do sujeito coletivo é apresentado que para conseguir informação o agricultor se dirige até a loja de insumos, Casa da Agricultura ou Sindicato dos Agricultores Familiares e também frequenta cursos e palestras. Porém, principalmente a Casa da Agricultura que *“não funciona direito, não é bom”* e o sindicato que se

“cooperasse mais também, tivesse mais informação, seria bem melhor”, não respondem plenamente as expectativas dos agricultores.

Sobre como deveriam ser os locais para fornecer informação para os agricultores, o sujeito coletivo sugere o aprimoramento dos locais já citados e também um melhor suporte por parte da prefeitura municipal. Também sugere que os próprios agricultores se unam para em uma cooperativa, construir um ambiente que *“se tenha mais informação através do acesso a várias fontes de informações”* e que possibilite eles deixarem relatos de *“experiência para poder servir de exemplo para os outros”*.

Contudo, as representações dos agricultores sobre o local que deveria lhes fornecer informação não os levam a se referir à biblioteca pública ou comunitária como este local. Isto possivelmente ocorre porque a biblioteca na percepção destes agricultores se caracteriza como um lugar onde se tem apenas livros que não iriam atender suas necessidades informacionais.

A ausência em suas representações da biblioteca pública se dá porque o órgão existente no município com esta designação não se torna visível para estes mesmos agricultores já que não oferece serviços destinados a eles. Desta forma, dificilmente os agricultores poderiam ver a biblioteca em uma dimensão maior do que a dimensão da experiência que lhes foi proporcionada até hoje.

Porém, como foi observado na seção sobre biblioteca pública e comunitária, estas unidades poderiam proporcionar para os agricultores familiares uma grande variedade de serviços que melhorariam sua condição econômica, social e cultural e poderiam contribuir para melhorar a condição socioeconômica de toda a cidade de Ribeirão Branco que tem a agricultura como sua principal fonte de renda.

O sujeito coletivo que representa de forma sintética o agricultor familiar de Ribeirão Branco demonstra que trabalhar no campo está cada vez mais difícil porque *“falta muito incentivo para o agricultor”*, que vai desde a falta de suporte estrutural, como estradas melhores para dar acesso às lavouras, até o apoio do governo com melhores linhas de crédito para estes agricultores, uma vez que eles sofrem grandes dificuldades econômicas devido à instabilidade dos preços das mercadorias. Tudo isso aponta circunstâncias que poderiam ser melhor compreendidas pelos agricultores se os mesmos tivessem um maior acesso à informação.

6.4 Diário de entrevistas

Este diário de entrevistas contém o relato da pesquisadora acerca das dificuldades e obstáculos encontrados durante o período das entrevistas e também expõe as observações feitas em relação ao ambiente das entrevistas e sobre as dificuldades expressadas pelos participantes.

As entrevistas foram realizadas em dois dias, dentro do período que a pesquisadora esteve de férias na cidade.

Para resguardar a identidade dos participantes, eles serão tratados por letras do alfabeto, de "A" a "J" seguindo a ordem das entrevistas.

6.4.1 Primeiro dia de entrevistas - 05 de agosto de 2014

O primeiro dia de entrevista chegou e eu me encontrava bastante nervosa pois nunca havia entrevistado ninguém. Passei a manhã toda lendo e relendo meu roteiro de entrevista com o objetivo de ter total domínio sobre as questões que seriam feitas aos entrevistados.

Almocei na casa de meus avós maternos e aproveitei para me aconselhar com eles sobre a adequação das questões em relação ao vocabulário dos participantes de forma a ser melhor entendida por eles.

Como não havia conseguido contato com os candidatos por telefone para agendar um horário para as entrevistas, segui o conselho de meu avô, que indicou que deveríamos ir para o bairro depois das três horas da tarde, que seria o possível horário de retorno dos agricultores para suas casas.

Assim foi feito, segui para o Bairro Varginha às 15h acompanhada pela Claudia, que me auxiliou na identificação das famílias e em um primeiro contato com os possíveis participantes da pesquisa, por Seu Waldemar e Dona Floriza que conheciam o bairro e os agricultores, ajudando na localização das famílias e por Celso, que nos levou em seu carro.

O caminho para o Bairro Varginha é composto por aproximadamente doze quilômetros de estrada asfaltada até chegar ao acesso do bairro que é indicado por uma plaquinha de madeira escrita com uma tinta branca desgastada quase totalmente escondida pelo capim alto. Depois é seguido um trecho de cerca de três quilômetros de estrada de terra até chegar ao primeiro aglomerado de casas. Em todo o trajeto a

paisagem que se vê é de terra sendo arada para o cultivo de novas safras de tomate, alguns trechos com plantas já estabelecidas e também as intrusas plantações de eucalipto, que de uns dez anos para cá vem crescendo cada vez mais naquela região, ocupando terras onde outrora se encontravam grandes plantações de tomate.

Decidi que deveríamos estacionar o carro ao lado de um campinho de futebol que ficava no centro do aglomerado de casas e seguir a pé até a casa dos entrevistados. Dei sorte neste dia, pois no pouco que andei em direção das casas notei um barracão onde se encontravam alguns dos candidatos que eu tinha relacionado em uma lista. Eles haviam chegado a pouco da roça e ainda estavam guardando os materiais de trabalho. Eram quatro candidatos que estavam reunidos ali, fiz a abordagem junto com meus acompanhantes. Expliquei do que se tratava a pesquisa e os convidei a participar. Todos aceitaram e um dos candidatos que tinha sua casa mais próxima do barracão ofereceu sua sala para que as entrevistas fossem realizadas. Com isso nos encaminhamos para a casa do Sr."D".

A casa era pequena, tendo uma pequena varanda onde se encontrava a lavanderia. Havia um gato perambulando por ali e o chão estava cheio de bonecas com as quais a filha de "D" de aproximadamente sete anos brincava, a esposa estava na porta da cozinha e aparentava estar limpando a casa. Expliquei para ela sobre o motivo de minha pesquisa, já que ela havia ficado curiosa com todo aquele movimento. Expliquei para todos da necessidade de fazer a entrevista com um por vez e assim que entre eles foi decidida a ordem das entrevistas e iniciamos o trabalho.

Enquanto os outros ficaram lá fora conversando com meus acompanhantes, eu e Sr."A" entramos na casa, passamos pela pequena cozinha e fomos até a sala que se encontrava silenciosa e um pouco escura pelas janelas e cortinas fechadas. Me sentei em um sofá pequeno enquanto Sr."A" se acomodava no sofá ao lado. Apresentei-lhe TCLE para que fizesse a leitura e após uma olhada rápida no documento ele assinou. Sendo assim iniciamos a primeira parte da pesquisa que era responder ao questionário socioeconômico. Sr."A" preferiu que eu fizesse a leitura das questões e escrevesse as respostas por ele ter dificuldade em ler letras miúdas. Assim que terminamos o questionário peguei minha câmera digital para gravar a entrevista, Sr."A" se demonstrou um pouco desconfortável e brincou que se soubesse que seria filmado, teria se arrumado, mas lhe expliquei que a câmera seria utilizada apenas para captar o áudio. Para diminuir o desconforto não foquei a câmera no Sr. "A" e decidi adotar o mesmo procedimento para os seguintes entrevistados.

Em relação a entrevista, Sr."A" teve dificuldades de entender algumas questões e por isso tive de repeti-las para que ele pudesse responder. Sr."A" foi bastante direto em suas respostas e por fim disse não saber se havia respondido certo aos meus questionamentos. Então lhe expliquei que não se tratava de certo ou errado, mas sim da opinião dele. Agradei pela contribuição do Sr."A" e fui até o exterior da casa chamar o próximo a ser entrevistado.

"B" me acompanhou até a sala e segui o mesmo procedimento que fiz com Sr."A" lhe apresentando o TCLE. Assim que ele assinou lhe entreguei o questionário que ele respondeu rapidamente, tirando algumas dúvidas que surgiram. Na entrevista "B" aparentava estar um pouco ansioso, também teve dificuldade com uma ou outra questão, mas respondeu às perguntas sem rodeios. Assim que terminamos "B" saiu e avisou para "C" entrar enquanto eu esperava na sala e organizava os papéis que estavam começando a ficar desordenados. "C" se mostrou tranquilo e teve menos dificuldade que os anteriores. Assim como do Sr. "A" e "B", suas respostas foram breves resultando numa entrevista rápida. Sr."D" que é pai de "B" e "C", foi o que mais falou. Tive de repetir umas duas questões a pedido dele. Quando terminamos Sr."D" saiu e se juntou ao grupo que estava do lado de fora. Eu fiquei dentro da casa por mais alguns segundos organizando o material coletado.

Quando sai, o grupo estava falando de várias coisas mas me atentei a uma conversa entre Claudia e a esposa do Sr."D" que dizia que aquela casa havia sido uma conquista intermediada pelo Sindicato dos agricultores familiares. Ela contava que fazia poucos anos que o Sindicato ajudou os agricultores dali a construir a maioria das casas nas quais atualmente habitavam, melhorando as condições de vida.

Fomos convidados a tomar um café, mas eu pretendia realizar mais algumas entrevistas ainda naquele dia então nos apressamos a seguir nossa lista de candidatos. O próprio Sr."D" mostrou onde eram as casas de alguns, mas disse que dois deles ainda não havia retornado da lavoura.

Então seguimos para a casa não muito distante do Sr."E". O terreno tinha duas casas, uma de alvenaria pequena e uma maior de madeira, mas já bastante desgastada pelo tempo. As casas estavam fechadas e silenciosas, bati palma para chamar e então uma mulher nos recebeu, um tanto quanto desconfiada. Seu Waldemar nos apresentou e ela o reconheceu e se tornou mais receptiva. Ela chamou o esposo dela. Sr."E" é um senhor bastante tímido, que teve "medo" de participar da pesquisa alegando que achava que não conseguiria responder certo as minhas

perguntas. Mas conforme fui explicando que não teriam respostas erradas ele aceitou participar. Entramos na casa de madeira onde havia um sofá de couro longo solitário onde nos sentamos. Li para ele o TCLE e o questionário porque ele disse ter dificuldade em ler devido à pouca visão. Sr. "E" não teve muitas dificuldades com o questionário socioeconômico, porém na entrevista tive de ler mais de uma vez quase todas as questões e tive de me controlar para não explicar muito as questões e acabar por influenciar em suas respostas. Mas no fim conseguimos realizar a entrevista e tanto eu quanto ele ficamos felizes com sua contribuição.

Já passavam das 17h e eu começava a sentir frio, a temperatura havia caído bastante e nos encontrávamos em um vale. Tinha me esquecido como minha terra natal podia ser fria ao entardecer e não levei nenhuma blusa extra. Com isso optei por realizar apenas mais uma entrevista naquele dia e retornar outro dia para realizar mais algumas entrevistas.

Seguimos para a próxima casa que haviam nos indicado, bati palma para chamar e novamente fui recebida pela esposa. Sr."F" tinha chegado a pouco e me recebeu em sua sala, onde seu filho brincava. A TV estava ligada, mas logo foi colocada no mudo para não atrapalhar na entrevista. Sr."F" leu e assinou o TCLE, respondeu ao questionário tendo levantado apenas uma dúvida, que sanei sem dificuldade. A entrevista foi breve, pois assim como os outros, Sr."F" respondeu de forma direta às perguntas, sem ter dúvidas. Agradei ele e a esposa e encontrei meus acompanhantes do outro lado do campo, onde me esperavam perto do carro para partirmos de volta para a cidade.

No retorno para a cidade fui pensando em tudo que havia ouvido daqueles agricultores, fazendo notas mentais sobre os pontos que coincidiram nos discursos coletados. Conferi se todas as entrevistas tinham sido salvas e chegando na casa da minha mãe, onde estava hospedada, as passei para o computador para verificar a qualidade do áudio, já que todos os entrevistados tinham a voz bastante contida ao responder, o que me preocupou em alguns momentos.

Também me preocupou o fato dos participantes terem sido tão econômicos em suas respostas, mas ouvindo novamente os áudios percebi que eles falaram o que seria essencial para minha pesquisa, o que me tranquilizou.

Decidi não fazer o restante das entrevistas no dia seguinte, pois dia 6 de agosto é feriado de Bom Jesus na Cidade por ele ser o padroeiro. Optei por retornar ao Bairro Varginha no dia 07 de agosto.

6.4.2 Segundo dia de entrevistas - 07 de agosto de 2014

Depois de almoçar novamente na casa de meus avós, às 15h partimos eu, Claudia, Celso e Seu Waldemar rumo ao Bairro Varginha. Desta vez fui preparada para o frio que provavelmente viria ao entardecer. Fomos no carro do Seu Waldemar desta vez, por insistência de Dona Floriza, como uma forma de contribuir mais para minha pesquisa.

Como no primeiro dia havia entrevistado parte dos moradores do entorno do campinho de futebol, decidi ir mais para dentro do bairro procurando pelos agricultores da lista que tinham suas casas um pouco mais isoladas.

No primeiro dia não havia notado, pois estava um pouco nervosa, no segundo dia, um pouco mais tranquila, fui observando pelo caminho que o bairro não possuía nada de comércio ou infraestrutura para os moradores, já que não tinha escola, creche, posto de saúde, etc. Havia somente um bar de madeira ao lado do campinho, onde por sinal minha mãe havia conseguido conversar pessoalmente com alguns agricultores e pegar o contato deles, dias antes de minha chegada na cidade. E também uma pequena igreja católica a beira da estrada principal, que segundo um morador aposentado que encontramos caminhando por ali era onde se realizava o "terço dos homens" e eventualmente alguma missa.

Ainda na estrada principal encontramos um dos agricultores da minha lista saindo com a filha de casa, prontos para ir selar seus cavalos e fazer um passeio. Claudia já havia falado com ele no dia do bar e ele a reconheceu e parou no portão de sua casa para conversar. Expliquei melhor sobre minha pesquisa e perguntei se gostaria de participar. Ele aceitou de bom grado e eu me ofereci para passar mais tarde para não atrapalhar o seu passeio, porém ele disse que o passeio poderia esperar e nos convidou a entrar. Entrei na sala do Sr."G" enquanto meus acompanhantes me esperavam do lado de fora da casa. Na sala ampla os móveis eram típicos de uma zona rural, tornando o ambiente bastante agradável e acolhedor. Lá estavam os dois filhos do Sr."G" que ali permaneceram por todo o tempo da entrevista. O menino de aproximadamente 8 anos assistia TV em um volume bem baixo para não atrapalhar, já a menina de uns 15 anos ficou observando eu entrevistar seu pai. Sr."G" é um senhor bastante alegre e comunicativo. Entreguei-lhe o TCLE que ele leu e assinou. Quando eu passei para o questionário ele me pediu para eu

mesma ler e preencher para não tomar muito tempo. Sr."G" não teve dificuldades com o questionário, e vez ou outra trocava olhares com sua filha como que se pedindo a confirmação dela para suas respostas. As respostas do Sr."G" para as perguntas da entrevista foram tão breves quanto a da maioria dos outros entrevistados e ele não expressou dificuldade ao responde-las. Após o termino da entrevista saímos da casa e ele nos convidou a tomar um café, infelizmente tínhamos mais entrevistas a fazer e não pudemos ficar, mas antes de sair fui dar uma olhada mais de perto nos cavalos, onde a menina já estava selando o seu. Ela me disse que amava cavalgar e que todos os dias ela cavalgava. Eu e meus acompanhantes nos despedimos da família e seguimos pela estrada principal.

Ao chegar a um trevo ficamos em dúvida de que caminho tomar. Uma das entradas daria na casa de um dos agricultores da lista, porém tanto meu avô quanto os entrevistados dos dias anteriores indicaram que quase que certamente ele não iria participar. Como eu tinha uma lista com sobra de candidatos optei por seguir a estrada que daria nas casas de outros dois candidatos.

Pedindo ajuda para alguns moradores do bairro, chegamos na casa de um dos candidatos, o Sr."A" estava com ele lidando com algum motor na área da pequena casa. Expliquei para ele sobre a pesquisa porém ele disse estar muito ocupado e que não daria para participar. Agradei pela atenção e seguimos em frente, para a casa de outro candidato que era logo a frente.

Quando chegamos fomos recepcionados por três cachorros. Ficamos no carro e buzinaamos para chamar. Sr. "H" saiu da casa e nos convidou a entrar, sem mesmo saber qual o nosso objetivo ali. Nos tranquilizou em relação aos cachorros, então saímos do carro e fomos para a área da casa que tinha uma grande mesa da madeira encostada a parede. Expliquei sobre minha pesquisa e ele aceitou participar, mas me alertou que talvez não saberia responder o que eu queria, então disse a ele que o que queria era saber a opinião dele e que não teriam acertos ou erros. Ficamos ali mesmo na área, sentados na mesa. Sr."H" assinou o termo e respondeu ao questionário bem rápido. Na entrevista, ele falou um pouco mais que a maioria dos entrevistados e não expressou dificuldades. Enquanto fazia entrevista Claudia esteve conversando com a esposa do Sr."H" e Seu Waldemar e Celso saíram para andar por ali perto. Quando terminamos, Sr."H" foi ao encontro deles e eu me juntei a Claudia e a esposa do Sr. "H". Conversamos um pouco sobre os filhos do Sr."H", a menina que morava longe e fazia faculdade de gastronomia e o menino que os ajudava na lavoura. Também

conversamos sobre várias outras coisas ligadas a agricultura. Quando os homens retornaram para casa fomos convidados a tomar uma "Tuiubaina", um refrigerante de guaraná que é consumido na região interiorana de São Paulo. Aceitamos e ficamos ali mais uns minutos conversando.

Quando já se passava das 16:30 seguimos caminho para encontrar os outros agricultores da lista. Retornamos pela mesma rua e chegamos novamente no trevo. Pegamos a rua que daria na casa de dois candidatos, pai e filho que moravam próximos um do outro.

Chegando lá, notei que havia várias pessoas no terreno que era comum as duas casas. Parte da família dos agricultores estava embaixo de um pé de tangerina conversando e comendo da fruta. Cumprimentamos todos e expliquei sobre a pesquisa. Convidei os dois candidatos a participarem. O filho aceitou imediatamente, mas o pai, já com uma idade avançada ficou em dúvida se deveria participar, mas por incentivo do filho aceitou.

Primeiro entrevistei o pai. Fiz a entrevista na área do Sr."I" para que o barulho das conversas que não atrapalhassem. Sr."I" optou por eu ler o TCLE e o questionário. Ele assinou o termo e respondeu ao questionário, não conseguindo respostas para as duas últimas questões do mesmo. Na entrevista Sr."I" também teve bastante dificuldade e suas respostas foram as que mais diferenciaram das dos demais participantes, mas também foram breves. Terminado a entrevista de Sr."I", ele se juntou ao grupo e seu filho, Sr."J" veio até a área para ser entrevistado.

Sr."J", assim como o pai optou para que eu realizasse a leitura dos documentos. Ele respondeu tanto o questionário quanto a entrevista sem expressar dificuldades. Durante a entrevista dele tive de interromper a gravação da resposta uma vez por causa do ruído excessivo de um trator que passava na estrada em frente à casa.

Terminando a entrevista agradei Sr."I" e Sr."J" pela contribuição. Notei que mais duas pessoas haviam se reunido ao grupo. Dois outros agricultores aposentados que estavam ali para jogar truco.

Também havia duas meninas de aproximadamente 8 anos brincando, uma era neta do Sr."I" e a outra era uma vizinha. Ficamos ali conversando um pouco e também desfrutando de algumas tangerinas. Já eram 17h30 min aproximadamente quando nos despedimos. Decidi terminar minhas entrevistas por ali, poderia ter entrevistado mais alguns agricultores, mas o material que tinha coletado com os dez

entrevistados, que estava dentro do que havia estipulado, já eram suficientes para trabalhar em minha pesquisa. Retornamos para a cidade.

Fiquei na minha cidade por mais quatro dias aproveitando minha família. Retornei para casa confiante de ter colhido um bom material e muito feliz pela experiência vivenciada nestes dois dias de entrevistas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos de sociedade bem informada, nos parece que o mundo todo se insere neste contexto, porém há um abismo que separa muitas comunidades isoladas desta realidade social. Conforme foi apresentado nesta pesquisa, sob o olhar das teorias de Norbert Elias, Peter L. Berger, Thomas Luckman e Moscovici, a representação da realidade é algo subjetivo e é definido de forma muito particular em cada sociedade. Uma sociedade se configura a partir das experiências vividas pelos indivíduos e pela forma como são construídos os laços sociais que se formam para a manutenção da mesma. Em Ribeirão Branco, onde boa parcela da população sobrevive da agricultura, a configuração social estabelecida ainda está distante da sociedade majoritariamente urbanizada em que vivemos.

Esta pesquisa buscou retratar, através das representações sociais dos agricultores familiares do Bairro Varginha, como o Município de Ribeirão Branco percebe a importância da informação como subsídios para o seu desenvolvimento socioeconômico. O que foi constatado é que apesar de os agricultores reconhecerem a importância da informação, ela ainda não é vista por eles como é vista na sociedade urbana, como matéria prima básica para um bom desenvolvimento das atividades econômicas e sociais.

Esta configuração de realidade acerca da informação se dá por toda uma tradição histórica relacionada à atividade agrícola familiar, que desde o princípio, requeria dos agricultores informações práticas e de senso comum que foram passadas de geração para geração, até os dias de hoje. Assim, mesmo com os avanços tecnológicos, os agricultores ainda percebem que a informação necessária para suas atividades na lavoura, são aquelas que predominantemente já obtiveram e obtém através da prática aprendida com os pais e com os outros agricultores

A pesquisa também traçou o perfil socioeconômico dos agricultores, o que permitiu conhecer um pouco da realidade desta comunidade sobre as tecnologias de informação e comunicação que são utilizadas e também sobre suas condições de trabalho relacionadas aos implementos agrícolas que possuem para auxiliar suas atividades na lavoura.

Também foram identificadas, baseado nas respostas dos participantes da pesquisa, as necessidades informacionais desta comunidade de agricultores

familiares, o que permite ter uma pequena dimensão dos serviços que, por exemplo, a biblioteca pública poderia ofertar para suprir essas necessidades.

Esta pesquisa mostrou que a realidade social e econômica do município de Ribeirão Branco, que é diretamente ligada à agricultura familiar sofre com as dificuldades comuns deste tipo de atividade econômica e que mesmo diante destas dificuldades, os agricultores locais continuam atados à tradição de fazer a agricultura da forma como era feita a gerações atrás, não aproveitando todas as vantagens que os avanços tecnológicos podem trazer, como o maior acesso à informação, que subsidiaria uma agricultura mais sustentável e lucrativa.

Com isso, é observada que para o desenvolvimento socioeconômico do município, é necessário que haja um engajamento tanto de forças políticas como da própria população, para criar mecanismos para disponibilizar informação para estes agricultores.

No entanto, as características desta comunidade, que foram consolidadas através dos tempos não podem ser ignoradas no momento de pensar nestes mecanismos. As características da comunidade, como a transferência da informação através da oralidade, devem ser respeitadas e o intermédio das informações deve ser feito conciliando os avanços tecnológicos com o conhecimento prático, traduzindo as informações de forma que elas sejam entendidas dentro da realidade dos agricultores.

A biblioteca pública poderia ser, conforme o manifesto da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco) para biblioteca pública e as diretrizes apresentadas pela IFLA e Fundação Biblioteca Nacional, o ambiente para gerar uma transformação da realidade dos agricultores de Ribeirão Branco, se lhes oferecesse serviços que lhes possibilitem acessar a informação de diversas formas, e também desenvolver neles o interesse pela informação registrada, através do incentivo à leitura e de uma maior inserção destes agricultores ao uso das TIC.

Ribeirão Branco, assim como todas as outras comunidades rurais do país, devem receber atenção da sociedade, pois são nelas produzidos os alimentos que sustentam toda a população brasileira. Com isso, e pensando que a informação e o conhecimento são a chave para as transformações sociais, pesquisas devem produzir soluções que viabilizem a transmissão de informação para estas comunidades.

Contudo, esta pesquisa mostrou como a sociedade atual ainda possui muitos desafios até alcançar todas as comunidades que ainda estão por fora deste contexto social. Concluindo, os objetivos desta pesquisa foram alcançados de forma plena,

porém respondem apenas a uma parcela muito pequena de todos os questionamentos que podem ser levantados acerca da informação e sua relação com comunidades em condição de vulnerabilidade socioeconômica.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2360/1/TD_702.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2014.
- ANTUNES, Dalea Soares. Características da agricultura familiar. In: IBGE. **Atlas do espaço rural brasileiro**. IBGE: Rio de Janeiro, 2011. cap. 5, p. 113-118. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63372_cap5.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERNARDI, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir Jose. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.16, n.4, p.29-41, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000011595&dd1=e9c9f>>. Acesso em: 29 out. 2014.
- BUAINAIN; Antônio Márcio; DEDECCA Claudio Salvadori. Mudanças e reiteração da heterogeneidade do mercado de trabalho agrícola. In: GASQUES, José Garcia; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; NAVARRO, Zander. **A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2010. p.123-156. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Livro_agriculturabrasileira.pdf> Acesso em: 30 jun. 2014.
- BUAINAIN, Antônio Márcio, ROMEIRO, Ademar R., GUANZIROLI, Carlos. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias**: Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 312-347, jul/dez 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/viewFile/5434/3083>> Acesso em: 16 out. 2014.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75, out. 1998. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/135/131>> Acesso em: 02 jul. 2014.
- CEPAM. **Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal**. 2014. Disponível em: <<http://cepam.org/municipios/municipios-paulistas/ribeirao-branco.aspx#ad-image-0>>. Acesso em: 19 jun. 2014.
- DUVEEN, Gerard. Introdução: O poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigação em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 7-26.
- ELIAS, Norbet. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: Bookman, 2009a.

_____. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: Bookman, 2009b.

FREIRE, Isa Maria. Barreiras na comunicação da informação tecnológica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 51-54, jan./jun. 1991. Disponível em: <<http://www.isafreire.pro.br/FREIREBarreiras.pdf>> Acesso em: 15 out. 2014.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Biblioteca pública: princípios e diretrizes**. Rio de Janeiro, 2000. 160 p. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/ArquivoFinal28_08.pdf>. Acesso em: 31 out. 2014.

GASQUES, José Garcia *et al.* Produtividade total dos fatores e transformações da agricultura brasileira: análise dos dados dos censos agropecuários. In: GASQUES, José Garcia; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; NAVARRO, Zander. **A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2010. p.19-44. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Livro_agriculturabrasileira.pdf> Acesso em: 30 jun. 2014.

GASQUES, José Garcia; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; NAVARRO, Zander. **A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2010. 298 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Livro_agriculturabrasileira.pdf> Acesso em: 30 jun. 2014.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni; GOMES, Sérgio. **Tecendo redes no Brasil rural: a comunicação como ferramenta de desenvolvimento local**. Brasília: NEAD, 2003. 71p. (Debates e Ação, 3). Disponível em: <<http://www.obore.com.br/cms-arquivo/livroobore.pdf>> Acesso em: 15 out. 2014.

HOFFMANN, Rodolfo; NEY, Marlon Gomes. Evolução recente da estrutura fundiária e propriedade rural no Brasil. In: GASQUES, José Garcia; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; NAVARRO, Zander. **A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2010. p. 45-66. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Livro_agriculturabrasileira.pdf> Acesso em: 30 jun. 2014.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354300&search=sao-paulo|ribeirao-branco>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

IFLA. International Federation of Library Associations and Institutions. **Diretrizes da IFLA sobre os serviços da biblioteca pública**. Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/hq/publications/series/147-pt.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2014.

_____. **Manifesto da UNESCO sobre as bibliotecas públicas.** Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 31 out. 2014.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social.** Brasília: Líber Livro, 2009.

_____. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).** Caxias do Sul: EDUCS, 2003, 256 p.

MACHADO, Elisa Campos. **Biblioteca comunitário como prática social no Brasil.** 2008. 184 f. Teses (Doutorado em Ciências da Informação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>>. Acesso em: 29 out. 2014

MATOS, Lucilda Maria Sousa de. **Agricultura familiar e informação para o desenvolvimento rural nos municípios de Igarapé-Açu e Marapanim.** 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2005. Disponível em: <http://mafds.websimples.info/files/arquivo/61/LUCILDA_MARIA_SOUSA_DE_MATOS.pdf> Acesso em: 15 out. 2014

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigação em psicologia social.** Petrópolis: Vozes, 2004.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativa: considerações epistemológicas, teóricas, metodológicas. In:POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2012. p. 215-253.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO BRANCO. **Município.** 2014. Disponível em: <<http://www.ribeiraobranco.sp.gov.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

_____. **Relatório final das oficinas realizadas no I Seminário da Prospectiva Regional do Município de Ribeirão Branco – SP e realizadas no curso de formação-ação como preparação para a análise estrutural do processo prospectivo.** 2011. 148 f. Disponível em: <http://www.ribeiraobranco.sp.gov.br/arquivos/Rel_Final_Consol_Oficinas_Sem_Propectiva_Jun_e_Curso_Jan_2011_v1.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2014.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira. **É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias.** 2011. 388 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<http://pgcin.paginas.ufsc.br/files/2010/10/SILVA-Ana-Claudia-P-de-O.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SOUZA, Marcia Isabel Fugisawa et al. **Informação tecnológica para agricultura familiar.** [S.l.]: EMBRAPA, [200-]. 9 p. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/213_000fiiqauva02wyiv80z4s473wfary6a.pdf> Acesso em: 16 out. 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **Campus Lagoa do Sino**. 2014. Disponível em: <http://www2.ufscar.br/aufscar/lagoa_do_sino.php> Acesso em: 10 out. 2014.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. Trajetória tecnológica e aprendizado no setor agropecuário. In: GASQUES, José Garcia; VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; NAVARRO, Zander. **A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2010. p. 67-98. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Livro_agriculturabrasileira.pdf> Acesso em: 30 jun. 2014.

WANDERLEY, Maria de N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 15, p. 87-145, out. 2000. Disponível em: <<http://r1.ufrrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/178/174>>. Acesso em: 01/07/2014.

_____. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**: Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 42-61, out. 2003. Disponível em: <<http://r1.ufrrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/238/234>> Acesso em: 16 out. 2014.

_____. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 2, p. 29-37, jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/made/article/view/22105/14471>>. Acesso em: 01 jul. 2014.

APÊNDICE A - Roteiro da entrevista

- 1) Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura?

- 2) O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

- 3) Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

- 4) Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

- 5) O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

- 6) Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012 da Comissão de Ética em Pesquisa, do Conselho Nacional de Saúde.

Prezado Participante,

Eu, Sinara Ubaldo Daros, graduanda do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, estou desenvolvendo esta pesquisa intitulada “O acesso à informação como subsidio para desenvolvimento socioeconômico em comunidades rurais: um estudo na cidade de Ribeirão Branco/SP”. Esta pesquisa resultará no meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer o valor que as pessoas atribuem ao acesso a informação como subsidio para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Ribeirão Branco.

Para tanto, solicito a sua colaboração participando da entrevista que será gravada em áudio.

Informo que nenhum participante será identificado pelo nome ou por características de sua propriedade, preservando o anonimato dos participantes. Em qualquer momento, fique à vontade para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e desistir da participação, se assim desejar.

Pesquisador

Declaro que entendi o objetivo de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____/____/2014.

Assinatura: _____

APÊNDICE C - Questionário Socioeconômico

1 – IDENTIFICAÇÃO GERAL

Idade: _____

Gênero: () Feminino () Masculino

Cidade e Estado de nascimento: _____

2 – COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA RESIDENTE NA PROPRIEDADE

Quem mora com você? *(Marque uma resposta para cada item.)*

	SIM	Quanto(a)s?	NÃO
Moro sozinho(a)	(A)	-----	(B)
Pai	(A)	-----	(B)
Mãe	(A)	-----	(B)
Esposo(a)	(A)	-----	(B)
Companheiro(a)	(A)	-----	(B)
Filhos.	(A)		(B)
Filhas.	(A)		(B)
Irmãos.	(A)		(B)
Irmãs.	(A)		(B)
Outros parentes, amigos(as) ou colegas.	(A)		(B)

3 – ESCOLARIDADE

Até quando o(a) Sr(a) estudou?

(A) Não estudei.

(B) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).

(C) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).

(D) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.

(E) Ensino médio completo.

(F) Ensino superior incompleto. Qual(is)? _____

(G) Ensino superior completo. Qual(is)? _____

(H) Especialização

(I) Mestrado

(J) Doutorado

Fora o Sr.(a), algum integrante da família residente na propriedade possui ensino superior?

(A) Sim. Quantos? _____ (B) Não

Se sim, qual(is) curso(s) frequenta(ou)(aram)? _____

4 – CARACTERÍSTICAS DA PROPRIEDADE

Qual o tamanho de sua propriedade? _____

Possui funcionários trabalhando na propriedade? Quantos? _____

Qual o faturamento anual médio de sua propriedade? _____

Quais e quantos dos itens abaixo há em sua casa? (*Marque uma resposta para cada item.*)

Itens	1	2	3 ou mais	Não tem
TV	(A)	(B)	(C)	(D)
Videocassete e/ou DVD	(A)	(B)	(C)	(D)
Rádio	(A)	(B)	(C)	(D)
Microcomputador	(A)	(B)	(C)	(D)
Telefone fixo	(A)	(B)	(C)	(D)
Telefone celular	(A)	(B)	(C)	(D)
Acesso à Internet	(A)	(B)	(C)	(D)
TV por assinatura	(A)	(B)	(C)	(D)

Quais e quantos dos itens abaixo há em sua propriedade? (*Marque uma resposta para cada item.*)

Itens	1	2 ou mais	Não tem

Carro	(A)	(B)	(C)
Caminhão e/ ou caminhonete	(A)	(B)	(C)
Trator	(A)	(B)	(C)
Bomba de irrigação	(A)	(B)	(C)
Bomba de sulfato	(A)	(B)	(C)
Grade aradora	(A)	(B)	(C)
Grade niveladora	(A)	(B)	(C)
Arado subsolador	(A)	(B)	(C)
Arado fixo	(A)	(B)	(C)
Sucadora	(A)	(B)	(C)
Semeadeira	(A)	(B)	(C)
Raspadeira	(A)	(B)	(C)
Plaina	(A)	(B)	(C)
Roçadeira tratorizada	(A)	(B)	(C)
Reboque tanque	(A)	(B)	(C)
Reboque agrícola (carreta)	(A)	(B)	(C)
Classificadora	(A)	(B)	(C)

5 - NECESSIDADES INFORMACIONAIS

Que informações pensa ser necessárias para ter bons resultados (qualidade do produto, controle de pragas, faturamento) na lavoura?

Em que fontes o(a) Sr.(a) busca por estas informações?

Através de que meios o(a) Sr.(a) tem acesso a estas fontes de informação?

APÊNDICE D - Transcrição das entrevistas na íntegra

Entrevistado A

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

A.: Eu aprendi desde pequeno, meu pai trabalhava na lavoura né, eu sempre trabalhando junto.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

A.: É importante desde que leve a sério o que escuta lá né. Porque a gente nunca sabe tudo, tem sempre que tar aprendendo para ver se melhora.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

A.: Programa de televisão, engenheiro agrônomo, só que raramente a gente procura, a gente já é acostumado a trabalhá, só quando dá um problema sério que não consegue resolve daí corre atrás.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

A.: Casa da agricultura com certeza. Deveria ter um outro local, mas só que o prefeito que devia coloca ali porque co.. melhorasse né, melhorasse o município. O responsável pelo município é o prefeito e a casa da agricultura ta ligada a prefeitura. É o mínimo que deveria te.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

A.: Também é importante. Importante porque alguém sabe a coisa que dá certo e eu não sei né, então é importante conversa, um passa a informação pro otro.

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

A.: *A respeito da agricultura? Falta muito incentivo né, da parte da prefeitura, essas coisa, principalmente as estrada, que usa muito pá tirá as mercadoria, chega numa época de tirá mercadoria não existe estrada.*

Entrevistado B

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

B.: *Com meus pais, desde pequeno!*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

B.: *É que ó, a agricultura não pode mais ficar sempre no mesmo, sempre tem que se atualiza. Ah, pra consegui produzi mais, tem que sempre ter informação, mesmo que a gente não estude precisa ter informação de novas técnicas que tão dando certo né?!*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

B.: *Pode ver na televisão, contato com as pessoas do comercio que tem contato com várias pessoa que tá fazendo trabalho que as veis ta dando certo, a gente tenta né. Palestras, as veis a gente faz uns curso, cursos técnico, cursos básico, que nós já fizemo.*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

B.: *Difícil dizer né. Ah o lugar que tem acesso a várias fontes de informações e que também tenha várias pessoas que fazem alguma, um projeto que deu certo deixa ali sua experiência ali pá, pra pode os outros vão tenta usá né. Certo bem não sei como dize como.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

B.: *Aqui é um dos principais meio de informação né. Porque um tenta, faz uma técnica que dá certo, o outro tenta segui aquela uma. Ah uma das principais fontes de a gente tá aprendendo aqui. Porque muitas vezes você vê passa na televisão mais você não sabe faze como, quando se ve argum que já fez, deu certo é ao vivo mesmo, você... uma das principal fonte né.*

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

B.: *Aquela pergunta de como que eu acho que deveria ser o lugar pra te fontes, tipo vamo supor que tivesse um agrônomo que vá nas roças vê como funciona pra pode explica pás outras pessoas né. Porque tem uns agrônomo que faz o curso mais não vai na roça vê como na verdade é. Ele tem a experiência de estudo mas não de campo. Se tivesse pessoas que vai leva um... Não tem experiência de campo pra dize qual na verdade é né. Muitas vezes a pessoa que trabaia na loja tem mais experiência que um agrônomo, sabe mais.*

Entrevistado C

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

C.: *Ah foi com meu pai mesmo, tipo, passado de geração já.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

C.: *Ah geralmente nós não busca tanto em livro assim, mais sempre é importante né, tipo sabe época, essas coisa pela televisão, sabe quando vai dá mais preço.*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

C.: *Geralmente nós usa mais tipo falado assim conversando né com outros que pranta ou revendedor, mais isso mesmo.*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

C.: Acho que seria mais sindicato né. Se o sindicato cooperasse mais, tivesse mais informação assim, seria bem melhor.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

C.: Ai, eu acho uma das informação mais importante porque geralmente pá o que eu, pra um não dá certo, as veis você nem usa não usa né. As veis usa uma coisa que dá certo.

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

C.: Que eu acho que poderia se o sindicato mesmo, que poderia coperá mais, porque o sindicato não... Ali em Ribeirão mesmo não ajuda tanto. Não tem tanta informação se for pra você pergunta, os cara não sabe nada.

Entrevistado D

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

D.: Com meu pai.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

D.: Ah isso ai é muito importante né. As veis a gente não acompanha muito, mais que é importante é. Só que a gente as veis não tem muito acesso muita coisa assim, mais o que tivé acesso isso ai é importante, porque dá bastante informação boa pra gente. Só que a gente tem hora que a gente dexa também de lado um pouco porque as veis até por preguiça, mais que é importante é.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

D.: *Através do agrônomo né, pessoas especializada que tem. Mais te esse acesso a pessoa assim fica mais fácil pa gente, só que a gente não tem né alguma ideia, mais seria importante né.*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

D.: *Seria na casa da agricultura né, só que tem a casa da agricultura mais não funciona direito, então seria na casa da agricultura no caso.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

D.: *Isso ai é muito importante né. As veis você tem conhecimento, um conhece uma coisa, o otro conhece otra, então a gente troca informação, a gente fica sabendo de bastante coisa. Um faz de um jeito, faz do otro, então dali a gente chega numa conclusão né. As veis a gente sabe faze uma coisa errada o otro da uma informação pra gente, através dali a gente chega numa conclusão.*

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

D.: *É, é como eu falei, o agrônomo e dai mais não fica só no papel, pega e assim, não adianta nada ter o agrônomo mas fica só lá sentado e não faze, não resolve nada, tem que i atrás né, os outro tem que i atrais mais a gente i atraz dele e eles fica mais próximo da gente. Que as veis tem agrônomo mais, o agronomo também não... Acontece muito isso né, o agrônomo só fica sentado lá na cadera e acha que sabe tudo mais não sabe mais que a gente, então as veis tem essa também, tem que por na pratica o que aprendeu, as veis fica só no livro, não adianta.*

Entrevistado E

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

E.: *Aprendi com meus pais.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

E.: Muito bom. É bom a gente aprende um pouco mais, a gente aprende mais né.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

E.: Tem que sai pedi ajuda pra argum, pra aquele que endende mais né.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

E.: Bastante lugar as veis, em Ribeirão mesmo.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

E.: São muito bom né. É muito importante pra gente, aprende mais também. Que as veis tem alguma coisa que não sabe, ai pergunta pra quem sabe.

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

E.: Seria bom se tivesse uma tabela pra vende né. Tivesse um preço bom, mais ou menos. Que as veis ta muito caro, as veis ta muito barato demais, então, se tive muito barato é ruim de vende e as veis ta muito caro tamém. Se tivesse uma média boa seria bom.

Entrevistado F

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

F.: Aprendi com meus pais.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

F.: *Ah, hoje em dia quanto mais informação melhor né. Então, é através disso que a gente pega informações, em livros, essas coisas.*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

F.: *Ah, por aqui é mais palestra né, palestra que a gente sempre vai, pega alguma informação, cada ano diferente. A gente participa que pega informação diferente cada ano que passa tem coisa nova, que eles passam pra gente.*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

F.: *O certo é a prefeitura ter um centro mas não tem né. Tão mais fácil. Seria mais fácil se a prefeitura tivesse um pessoa pra orienta.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

F.: *É bom porque cada um tem uma ideia diferente né, as veis um ta com uma praga, vai o outro sabe um veneno bom, tem um remédio que eles dão. Um dá uma dica pro outro. As veis tem um lá tá com problema na lavora dele, o outro que faz um tratamento que foi bom, então é sempre bom ta se comunicando.*

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

F.: *Sei la né. Devia ter um engenheiro em cada bairro instruindo o povo, mais isso é difícil de te. Então minha opinião é essa, devia de te um em cada bairro, te um na cidade já é difícil de te, agora em cada sitio, em cada bairro ter um engenheiro formando o pessoal. Acho que é isso.*

Entrevistado G

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

G.: *Aprendi com meu pai.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

G.: Eu acho bom. Porque nos livros tem, não é todos né, mas tem uns livro que fala a verdade.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

G.: Pra mim melhora minha produção é com meu conhecimento e procurando o agrônomo eu acho.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

G.: Eu acho que a casa da agricultura teria que ter um agrônomo né. Porque tem mais em Ribeirão não é bom. Acho que pra ajuda tinha que se isso, teria que ter um agrônomo pra ajuda na agricultura. Pra ajuda eu.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

G.: Eu acho bom! Porque a gente vai conhecendo, alguma coisa a gente pega a mais pra gente, pra melhora, pra facilita pra gente né.

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

G.: Eu acho que teria que ter um, no meu caso, teria que ter um financiamento mais, porque eu mesmo tenho dificuldade, tem o Pronafe, mas você vai procura as veis não da certo né, porque eu tinha a terra mais tive que vende, agora trabalho na terra da minha sogra. Eu acho que é isso, porque a gente tem o Pronafe mais você vai procura e se você não teve terra você não consegue.

Entrevistado H

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

H.: *Ai a gente porque nascido na lavoura, cos pais. Aprendeu com os pais né. A gente vem desde... (risos) com os pais.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

H.: *Ai é importante né. É importante sabe essas notícias, é porque você aprende, ve um programa que ta passando você vai aprendendo.*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

H.: *Poisé, informação pode ser com o revendedor de veneno meu, uma palestra, com curso as veis, é o curso seria melhor né.*

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

H.: *A esse ai seria um tipo de cooperativa não. Como se fosse um tipo de cooperativa que nois podia se uni mais e faze. Ter mais informação né.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

H.: *Importante né. Bão. Porque dai ta trocando informação. Se tem problema aqui, o otro lá tem... ta ruim pro ce aqui e ta bom pra ele lá, então você passa lá informação boa. As veis se ta usando um veneno errado aqui, fazendo coisa errada, as veis o otro sabe mior, é importante passa informação pro otro.*

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

H.: *Ah pa agrigultura tem que miora mais a parte da venda né. Que é o pior de tudo que ta sendo a parte da venda. Por exemplo, hoje você vende um, por exemplo uma*

caxa de pipino por cinco real, que as veis chega a esse ponto, você vai compra no mercado ta cinco rela o quilo, ai dai o lavrador ta saindo mar nesse ai. Que esse ai devia de te um melhoramento né, o que ai eu não sei, não tem como tá essa diferença ai, aonde tá, deve se muito imposto que tem viu, então deve se problema com o governo, porque tem muito imposto, então cada um que pega alguma coisa tem imposto. Se dali pega chega nesse ponto lá, porque se ve sempre vende uma caixa de mercadoria aqui, sai daqui doze quilometro pra Ribeirão, qual o preço da caixa aqui, ta com o preço de um quilo lá. Dai não poderia ta acontecendo um negocio disso. Isso dai deveria se melhorado em alguma coisa nesse sentido ai.

Entrevistado I

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

I.: Ah, aprendia a trabalha com meu pai.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

I.: Não tenho muita noção de como faz. A gente nunca procuro assim pa informa pa...sempre trabalho com informação do pai memo.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

I.: Tem que se com o agrônomo né. Eles tem, eles sabe tudo certinho o que põem pra produzi mais.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

I.: Ai fica meio difícil, não sei como responde. A gente nunca procuro informação né. Não tenho ideia, porque a gente nunca procuro informação, porque do jeito no ritmo que a gente veio com os pais prantando aqueles um tem que consegui, foi prantando.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

I.: Difícil né. Que as veja a gente vai troca ideia, um da ideia pra bem o outro dá aos contrario. Pô se vê, uns dá informação boa pro cê, conta certinho, otro não conta certo.

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

I.: Ai fica meio difícil não porque... É tem a do sindicato como que eles fala, da agricultura familiar que já ajudando pro pessoal.

Entrevistado J

Pesquisadora: Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

J.: Aprendi com meu pai né. Desde novo.

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, rádio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

J.: Ah é importante né. Porque a gente tem que aprimora mais as coisas, de acordo que cê vai lendo, vai procurando informação cê vai aprendendo mais coisa, então eu acho importante procura se informa.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

J.: Ah, eu procura mais nas loja né de veneno assim pá sabe a semente que tão usando, que tá produzindo mais, sempre procuro dexa a turma pranta primeiro, pra mim depois i no que já ta produzindo mais. O veneno também, o que tá fazendo efeito. Então eu procuro ve com a loja o que ta saindo mais, o que ta mais procura pa compra também.

Pesquisadora: Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

J.: *Ah eu acho que tinha que se, eu procuro em loja, como eu falei, tinha que ter uma pessoa mais entendida na loja pra passar as informações pra gente né. Porque muitas lojas tem gente que vende mais entende muito menos que a gente que tá indo pra compra. Se chega lá perguntando pra compra o que é bom pra um tipo de praga e muitas vezes a pessoa que tá atrás do balcão entende muito menos que a gente, então fica difícil, então eu acho que tinha que ter um, cada loja tinha que ter um agrônomo pra passar uma informação bem exata né.*

Pesquisadora: O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

J.: *Ah eu acho que é bom. Tem que passar informação e não esconder, porque tem muitos que escondem né. Põem uma, muita... porque hoje o veneno tem que ter muita mistura de veneno, não é só um tipo de produto que controla um tipo de praga, tem que ter mais, tipo assim, uma combinação de veneno com outro. E muitas vezes a pessoa faz e deu resultado e não passa para o próximo, pro outro produto. Então eu acho que tinha que ter um que descobrisse uma coisa tinha que também de passar a informação pro outro produtor.*

Pesquisadora: Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

J.: *Ai eu acho que é mais nisso mesmo. Mais na parte de, só as lojas ter uma pessoa mais profissionalizada naquela área pra atender as pessoas e passar informação um produtor pro outro né. É o essencial né.*

APÊNDICE E - Tratamento dos discursos

Questão 1

Como o(a) Sr.(a) aprendeu a trabalhar na lavoura.

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<u>Eu aprendi desde pequeno, meu pai trabaivava na lavora né, eu sempre trabalhando junto.</u>	A - Aprendizado com o pai B - Aprendizado desde a infância
<u>Com meus pais, desde pequeno.</u>	A - Aprendizado com os pais B - Aprendizado desde a infância
<u>Ah foi com meu pai mesmo, tipo, passado de geração já.</u>	A - Aprendizado com o pai D - Aprendizado passado pelas gerações da família
<u>Com meu pai.</u>	A - Aprendizado com o pai
<u>Aprendi com meus pais.</u>	A - Aprendizado com os pais
<u>Aprendi com meus pais.</u>	A - Aprendizado com os pais
<u>Aprendi com meu pai.</u>	A - Aprendizado com o pai
<u>Ai a gente porque nascido na lavora, cos pais. Aprendeu com os pais né. A gente vem desde... (risos) com os pais.</u>	C - Vive em ambiente rural desde que nasceu A - Aprendizado com os pais
<u>Ah, aprendi a trabalha com meu pai.</u>	A - Aprendizado com o pai
<u>Aprendi com meu pai né. Desde novo.</u>	A - Aprendizado com os pai B - Aprendizado desde a infância

IAD 2

A - Aprendizado com os pais

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<u>[...]meu pai trabaivava na lavora né, eu sempre trabalhando junto. Com meus pais[...]</u>	<u>Meus pais trabalhavam na lavoura e eu sempre trabalhando junto, então eu aprendi a trabalhar com meus pais.</u>

<i>Com meu pai. [...]aprendi a trabalha com meu pai.</i>	
--	--

B - Aprendizado na infância

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<i>Eu aprendi desde pequeno[...] [...] desde pequeno. Desde novo.</i>	<i>Eu aprendi desde pequeno.</i>

C - Vive em ambiente rural desde que nasceu

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<i>[...] a gente porque nascido na lavora [...]</i>	<i>A gente é nascido na lavoura.</i>

D - Aprendizado passado pelas gerações da família

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<i>[...]passado de geração já.</i>	<i>O conhecimento é passado de geração para geração já.</i>

Questão 2

O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a importância do uso das informações sobre agricultura encontradas em livros, revistas, programas de televisão, radio, internet, cursos para trabalhar na lavoura? Por quê?

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<i><u>É importante desde que leve a sério o que escuta lá né. Porque a gente nunca sabe tudo, tem sempre que tar aprendendo para ver se melhora.</u></i>	A - A informação é importante, mas desde que seja levada a sério. B - O agricultor precisa aprimorar seus conhecimentos e se atualizar.
<i><u>É que ó, a agricultura não pode mais ficar sempre no mesmo, sempre tem que se atualiza. Ah, pra consegui produzi mais,</u></i>	B - A agricultura precisa se atualizar A - A informação subsidia uma melhor produção

<p><u>tem que sempre ter informação, mesmo que a gente não estude precisa ter informação de novas técnicas que tão dando certo né?!</u></p>	<p>B - Apesar de não dar continuidade aos estudos, é necessário buscar informações</p>
<p>Ah geralmente nós <u>não busca tanto em livro assim, mais sempre é importante né, tipo sabe época, essas coisa pela televisão, sabe quando vai dá mais preço.</u></p>	<p>C - Pouco busca por livros A - A informação é importante C - Acesso a informação através da TV</p>
<p>Ah isso ai é <u>muito importante</u> né. As veis a gente não acompanha muito, mais que é importante é. <u>Só que a gente as veis não tem muito acesso muita coisa assim, mais o que tivé acesso isso ai é importante, porque dá bastante informação boa pra gente. Só que a gente tem hora que a gente dexe também de lado um pouco porque as veis até por preguiça, mais que é importante é.</u></p>	<p>A - A informação é importante D - Pouco acesso a informação D - Pouca procura por informação</p>
<p>Muito bõo. <u>É bom a gente aprende um pouco mais, a gente aprende mais né.</u></p>	<p>B - Aprender mais é bom</p>
<p>Ah, <u>hoje em dia quanto mais informação melhor né. Então, é através disso que a gente pega informações, em livros, essas coisas.</u></p>	<p>A - A informação é importante nos dias atuais. C - Acesso a informação através de livros e outras fontes.</p>
<p><u>Eu acho bom. Porque nos livros tem, não é todos né, mas tem uns livro que fala a verdade.</u></p>	<p>C - Alguns livros contém informações corretas</p>
<p><u>Ai é importante né. É importante sabe essas noticias, é porque você aprende, ve um programa que ta passando você vai aprendendo.</u></p>	<p>A - A informação é importante B - É importante estar atualizado e aprender coisas novas. C - Acesso a informação através da TV</p>

<p><i>Não tenho muita noção de como faz. <u>A gente nunca procuro assim pa informa pa...sempre trabalho com informação do pai memo.</u></i></p>	<p>D - Nunca procurou por informação C - Trabalha com a informação passada de pai para filho.</p>
<p><i>Ah <u>é importante né. Porque a gente tem que aprimora mais as coisas, de acordo que cê vai lendo, vai procurando informação cê vai aprendendo mais coisa, então eu acho importante procura se informa.</u></i></p>	<p>A - A informação é importante B - O agricultor tem que se aprimorar</p>

IAD 2

A - Importância da informação

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>É importante desde que leve a sério o que escuta [...] [..]pra consegui produzi mais, tem que sempre ter informação[...] [...] sempre é importante [...] [...]é muito importante[...] [...]hoje em dia quanto mais informação melhor[...] [...] é importante [...]</i></p>	<p>A informação é sempre muito importante desde que leve a sério o que escuta. Hoje em dia quanto mais informação melhor. Pra conseguir produzir mais, tem que sempre ter informação.</p>

B - Atualização e aprendizado

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>Porque a gente nunca sabe tudo, tem sempre que tar aprendendo para ver se melhora. [...]a agricultura não pode mais ficar sempre no mesmo, sempre tem que se atualiza.</i></p>	<p>A agricultura não pode mais ficar sempre no mesmo, sempre tem que se atualiza, mesmo que a gente não estude, precisa ter informação de novas técnicas, é importante sabe essas notícias, assim você aprende e é bom a gente aprende</p>

<p><i>[...]mesmo que a gente não estude precisa ter informação de novas técnicas [...]</i></p> <p><i>É bom a gente aprende um pouco mais[...]</i></p> <p><i>É importante sabe essas notícias, é porque você aprende[...]</i></p> <p><i>[...]a gente tem que aprimora mais as coisas, de acordo que cê vai lendo, vai procurando informação cê vai aprendendo mais coisa[...]</i></p>	<p><i>um pouco mais porque a gente nunca sabe tudo, tem sempre que estar aprendendo para ver se melhora. A gente tem que aprimora mais as coisas, de acordo que você vai lendo, vai procurando informação você vai aprendendo mais coisa.</i></p>
--	---

C - Fontes de informação mencionadas

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>[...]não busca tanto em livro[...]</i></p> <p><i>[...]essas coisa pela televisão[...]</i></p> <p><i>[...]através disso que a gente pega informações, em livros, essas coisas. Porque nos livros tem, não é todos né, mas tem uns livro que fala a verdade.</i></p> <p><i>[...]ve um programa que ta passando você vai aprendendo.</i></p> <p><i>[...] sempre trabalho com informação do pai [...]</i></p>	<p><i>Através disso que a gente pega informações, em livros, essas coisas, porque nos livros tem, não é todos né, mas tem uns livro que fala a verdade, mas a gente não busca tanto em livro, essas coisas a gente vê pela televisão, em um programa que está passando, ai você vai aprendendo. A gente também trabalho com informação que o pai passou pra gente.</i></p>

D - Pouco acesso a informação e pouca procura

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>Só que a gente as veis não tem muito acesso muita coisa[...]</i></p> <p><i>[...] tem hora que a gente dexa também de lado um pouco [...]</i></p>	<p><i>A gente as vezes não tem muito acesso a informação e tem hora que deixa também de lado um pouco ou até nunca procura para se informar.</i></p>

<p><i>A gente nunca procuro assim pa informa [...]</i></p>	
--	--

Questão 3

Na opinião do(a) Sr(a) quais as melhores formas de encontrar e conseguir a informação que permite aumentar a produtividade de sua lavoura?

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p><u><i>Programa de televisão, engenheiro agrônomo, só que raramente a gente procura, a gente já é acostumado a trabalhá, só quando dá um problema sério que não consegue resolve dai corre atrás.</i></u></p>	<p>A - A fontes de informação são TV e engenheiro agrônomo. (informação oral). B - Procura só quando tem algum problema que não consegue resolver.</p>
<p><u><i>Pode ver na televisão, contato com as pessoas do comercio que tem contato com várias pessoa que tá fazendo trabalho que as veis ta dando certo, a gente tenta né. Palestras, as veis a gente faz uns curso, cursos técnico, cursos básico, que nós já fizemo.</i></u></p>	<p>A - A fontes de informação são TV, comerciante, palestras. (informação oral).</p>
<p><u><i>Geralmente nós usa mais tipo falado assim conversando né com outros que pranta ou revendedor, mais isso mesmo.</i></u></p>	<p>A - A fontes de informação são outros agricultores e revendedor (informação oral).</p>
<p><u><i>Através do agrônomo né, pessoas especializada que tem. Mais te esse acesso a pessoa assim fica mais fácil pa gente, só que a gente não tem né alguma ideia, mais seria importante né.</i></u></p>	<p>A - A fonte de informação é o agrônomo. (informação oral)</p>

<u>Tem que sai pedi ajuda pra argum, pra aquele que endende mais né.</u>	A - Informação oral.
<u>Ah, por aqui é mais palestra né, palestra que a gente sempre vai, pega alguma informação, cada ano diferente. A gente participa que pega informação diferente cada ano que passa tem coisa nova, que eles passam pra gente.</u>	A - A fonte de informação é palestra (informação oral). C - Informação sobre novidades para a agricultura.
<u>Pra mim melhora minha produção é com meu conhecimento e procurando o agrônomo eu acho.</u>	A - As fontes de informação são conhecimento próprio e agrônomo (informação oral).
<u>Poisé, <u>informação pode ser com o revendedor de veneno meu, uma palestra, com curso as veis, é o curso seria melhor né.</u></u>	A - As fontes de informação são revendedor de veneno, palestra e curso. (informação oral).
<u>Tem que se com o agrônomo né. Eles tem, eles sabe tudo certinho o que põem pra produzi mais.</u>	A - A fonte de informação é o agrônomo (informação oral).
<u>Ah, eu procura mais <u>nas loja né de veneno assim pá sabe a semente que tão usando, que tá produzindo mais, sempre procuro dexe a turma pranta primeiro, pra mim depois i no que já ta produzindo mais. O veneno também, o que tá fazendo efeito. Então eu procuro ve com a loja o que ta saindo mais, o que ta mais procura pa compra também.</u></u>	A - As fontes de informação são loja de veneno, senso comum.

A - Fontes de informação (informação oral)

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<ul style="list-style-type: none"> • TV <p><i>Programa de televisão[...]</i> <i>Pode ver na televisão[...]</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Agrônomo <p><i>[...]engenheiro agrônomo [...]</i> <i>Através do agrônomo né, pessoas especializadas que tem [...]</i> <i>[...]procurando o agrônomo eu acho.</i> <i>Tem que se com o agrônomo né. Eles tem, eles sabe tudo certinho o que põem pra produzi mais.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Comercio (revendedor, balconista, loja, etc) <p><i>[...]contato com as pessoas do comercio que tem contato com várias pessoa que tá fazendo trabalho que as veis ta dando certo[...]</i> <i>[...]revendedor</i> <i>[...]informação pode ser com o revendedor de veneno[...]</i> <i>[...]nas loja né de veneno assim pá sabe a semente que tão usando, que tá produzindo mais[...]</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Palestra e cursos <p><i>Palestras, as veis a gente faz uns curso, cursos técnico, cursos básico, que nós já fizemo.</i> <i>Ah, por aqui é mais palestra né, palestra que a gente sempre vai[...]</i></p>	<p><i>Procurando o agrônomo, que é pessoa especializada, pois eles sabem tudo certinho o que põem para produzir mais. Nas lojas de veneno e revendedores para saber a semente que estão usando, que está produzindo mais e eles também tem contato com várias pessoas que está fazendo trabalho que as vezes esta dando certo. Também tem as palestras que a gente sempre vai, as vezes a gente faz uns cursos básicos e técnicos, vê em programas de televisão. Mas geralmente nós usa mais as informações tipo falado, assim conversando né com os outros que plantam, pede ajuda para aquele que entende mais e procuro vê com a loja o que está saindo mais, o que está tendo mais procura para compra também.</i></p>

<p><i>[...] uma palestia, com curso [...]</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Outros agricultores, senso comum <p><i>Geralmente nós usa mais tipo falado assim conversando né com outros que pranta [...]</i></p> <p><i>Tem que sai pedi ajuda pra argum, pra aquele que endende mais né.</i></p> <p><i>Então eu procuro ve com a loja o que ta saindo mais, o que ta mais procura pa compra também.</i></p>	
---	--

B - Motivação para procurar informação

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>[...]raramente a gente procura, a gente já é acostumado a trabaiaá, só quando dá um problema sério que não consegue resolve dai corre atrás.</i></p>	<p><i>Raramente a gente procura, a gente já é acostumado a trabalhar, só quando dá um problema sério que não consegue resolver dai corremos atrás.</i></p>

C - Informação sobre as novidades para a agricultura

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>A gente participa que pega informação diferente cada ano que passa tem coisa nova, que eles passam pra gente.</i></p>	<p><i>A gente participa que pega informação diferente. Cada ano que passa tem coisa nova, que eles passam pra gente.</i></p>

Questão 4

Na opinião do(a) Sr(a) quais são e como deveriam funcionar os lugares onde o agricultor poderia buscar informações para melhorar o seu trabalhar na lavoura?

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p><u>Casa da agricultura com certeza.</u> <u>Deveria ter um outro local, mas só que o prefeito que devia coloca ali porque co.. melhorasse né, melhorasse o município.</u> O responsável pelo município é o prefeito e a casa da agricultura ta ligada a prefeitura. É o mínimo que deveria te.</p>	<p>A - Casa da agricultura. B - A prefeitura deveria providenciar outro local.</p>
<p><u>Difícil dizer né. Ah o lugar que tem acesso a várias fontes de informações e que também tenha várias pessoas que fazem alguma, um projeto que deu certo deixa ali sua experiência ali pá, pra pode os outros vão tenta usá né. Certo bem não sei como dize como.</u></p>	<p>B - Local para consulta de fontes e troca de experiências.</p>
<p><u>Acho que seria mais sindicato né. Se o sindicato cooperasse mais, tivesse mais informação assim, seria bem melhor.</u></p>	<p>A - Sindicato. B - O sindicato dos agricultores poderia cooperar mais.</p>
<p><u>Seria na casa da agricultura né, só que tem a casa da agricultura mais não funciona direito, então seria na casa da agricultura no caso.</u></p>	<p>A - Casa da agricultura. C - Tem a casa da agricultura mas não responde a expectativa.</p>
<p><u>Bastante lugar as veis, em Ribeirão mesmo.</u></p>	
<p><u>O certo é a prefeitura te um centro mas não tem né. Tão mais fácil. Seria mais fácil se a prefeitura tivesse um pessoa pra orienta.</u></p>	<p>C - A prefeitura deveria providenciar um centro de informação . B - Presença de pessoas capacitadas para orientar o agricultor.</p>

<p><i>Eu acho que a <u>casa da agricultura</u> teria que te um agrônomo né. Porque tem <u>mais em Ribeirão não é bom</u>. Acho que pra ajuda tinha que se isso, teria que te um <u>agrônomo pa ajuda na agricultura</u>. Pra ajuda eu.</i></p>	<p>A - Casa da agricultura . C - Tem a casa da agricultura mas não responde a expectativa. B - Presença de um agrônomo para orientar o agricultor.</p>
<p><i>A esse ai <u>seria um tipo de cooperativa</u> não. Como se fosse um tipo de <u>cooperativa</u> que <u>nois podia se uni mais e faze</u>. Ter mais informação né.</i></p>	<p>A - Cooperativa. B - Agricultores se unirem para trocar informação.</p>
<p><i>Ai fica meio difícil, não sei como responde. A gente nunca procuro informação né. Não tenho ideia, porque a gente nunca procuro informação, porque do jeito no ritmo que a gente veio com os pais prantando aqueles um tem que consegui, foi prantando.</i></p>	
<p><i>Ah eu acho que tinha que se, <u>eu procuro em loja</u>, como eu falei, <u>tinha que te uma pessoa mais entendida na loja pra passa as informação pra gente né</u>. Porque <u>muitas loja tem gente que vende mais entende muito menos que a gente que ta indo pra compra</u>. Se chega la perguntando pra compra o que é bom pa um tipo de praga e muitas veis a pessoa que ta atrás do balcão entende muito menos que a gente, então fica difícil, então eu acho que tinha que te um, <u>cada loja tinha que te um agrônomo pra passa uma informação bem exata né</u>.</i></p>	<p>A - Loja de insumos B - Cada loja deveria ter a presença de um agrônomo para orientar o agricultor.</p>

A - Locais citados

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<ul style="list-style-type: none"> • Casa da agricultura <p><i>Casa da agricultura com certeza Seria na casa da agricultura [...] [...]casa da agricultura [...]</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Sindicato <p><i>Acho que seria mais sindicato né</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Loja de insumos <p><i>[...]eu procuro em loja [...]</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Cooperativa <p><i>[...]seria um tipo de cooperativa</i></p>	<p><i>Seria casa da agricultura, ou o sindicato ou um tipo de cooperativa. Eu procuro em loja.</i></p>

B - Como deveria ser o funcionamento

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>[...]tem acesso a várias fontes de informações e que também tenha várias pessoas que fazem alguma, um projeto que deu certo deixa ali sua experiência ali pá, pra pode os outros vão tenta usá né.</i></p> <p><i>Seria mais fácil se a prefeitura tivesse um pessoa pra orienta.</i></p> <p><i>[...]teria que te um agrônomo pa ajuda na agricultura.</i></p> <p><i>[...] nois podia se uni mais e faze. Ter mais informação né.</i></p> <p><i>[...] tinha que te uma pessoa mais entendida na loja pra passa as informação pra gente né. Porque muitas loja tem gente que vende mais entende</i></p>	<p><i>Seria mais fácil se a prefeitura tivesse um pessoa pra orienta, como um agrônomo para ajudar na agricultura. Se o sindicato cooperasse mais também, tivesse mais informação, seria bem melhor. Também podíamos se unir mais e fazer um local onde se tenha mais informação através do acesso a várias fontes de informações e que também tenha várias pessoas que fizeram um projeto que deu certo ai deixa ali sua experiência para podesservir de exemplopara os outros, que vão tenta usar. Nas lojas tinha que te uma pessoa mais entendida pra passa as informação pra gente. Porque muitas lojas tem gente</i></p>

<p><i>muito menos que a gente que ta indo pra compra. [...]cada loja tinha que te um agrônomo pra passa uma informação bem exata né.</i></p> <p><i>Se o sindicato cooperasse mais, tivesse mais informação assim, seria bem melhor.</i></p>	<p><i>que vende, mas entende muito menos que a gente que está indo pra compra. Cada loja tinha que te um agrônomo pra passa uma informação bem exata.</i></p>
---	---

C - Expectativa não respondida em relação a prefeitura e a casa da agricultura

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>Deveria ter um outro local, mas só que o prefeito que devia coloca ali porque co.. melhorasse né, melhorasse o município. [...] tem a casa da agricultura mais não funciona direito[...]</i></p> <p><i>O certo é a prefeitura te um centro mas não tem né[...]</i></p> <p><i>[...] tem mais em Ribeirão não é bom.(Casa d agricultura)</i></p>	<p><i>Em Ribeirão tem a casa da agricultura mais não funciona direito, não é bom. Deveria ter um outro local, o certo é a prefeitura ter um centro mas não tem, o prefeito que devia coloca um centro ali para melhorar o município.</i></p>

Questão 5

O que o(a) Sr.(a) pensa sobre a troca de informações entre os agricultores para a produção agrícola?

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p><u>Também é importante. Importante porque alguém sabe a coisa que dá certo e eu não sei né, então é importante conversa, um passa a informação pro outro.</u></p>	<p>A - A troca de informação oral entre os agricultores é importante. B - Motivo: um complementa o conhecimento do outro.</p>
<p><u>Aqui é um dos principais meio de informação né. Porque um tenta, faz uma técnica que dá certo, o outro tenta sequi aquela uma. Ah uma das principais fontes de a gente tá aprendendo aqui. Porque muitas vezes você vê passa na televisão mais você não sabe fazer como, quando se ve algum que já fez, deu certo é ao vivo mesmo, você... uma das principal fonte né.</u></p>	<p>A - A troca de informação oral entre os agricultores é a principal fonte de informação. B - Motivo: um complementa o conhecimento do outro.</p>
<p><u>Ai, eu acho uma das informação mais importante porque geralmente pá o que eu, pra um não dá certo, as veis você nem usa não usa né. As veis usa uma coisa que dá certo.</u></p>	<p>A - A informação oral entre os agricultores é uma das mais importantes. B - Motivo: um complementa o conhecimento do outro.</p>
<p><u>Isso ai é muito importante né. As veis você tem conhecimento, um conhece uma coisa, o outro conhece outra, então a gente troca informação, a gente fica sabendo de bastante coisa. Um faz de um jeito, faz do outro, então dali a gente chega numa conclusão né. As veis a gente sabe fazer uma coisa errada o outro da uma informação pra gente, através dali a gente chega numa conclusão.</u></p>	<p>A - A troca de informação oral entre os agricultores é muito importante. B - Motivo: um complementa o conhecimento do outro.</p>
<p><u>São muito bão né. É muito importante pra gente, aprende mais também. Que</u></p>	<p>A - A troca de informação oral entre os agricultores muito importante.</p>

<p><u>as veis tem alguma coisa que não sabe, ai pergunta pra quem sabe.</u></p>	<p>B - Motivo: um complementa o conhecimento do outro.</p>
<p><u>É bom porque cada um tem uma ideia diferente né, as veis um ta com uma praga, vai o outro sabe um veneno bom, tem um remédio que eles dão. Um dá uma dica pro outro. As veis tem um lá tá com problema na lavora dele, o outro que faz um tratamento que foi bom, então é sempre bom ta se comunicando.</u></p>	<p>A - É bom se comunicar. B - Motivo: um complementa o conhecimento do outro.</p>
<p><u>Eu acho bom! Porque a gente vai conhecendo, alguma coisa a gente pega a mais pra gente, pra melhora, pra facilita pra gente né.</u></p>	<p>A - A troca de informação oral entre os agricultores é bom.</p>
<p><u>Importante né. Bão. Porque dai ta trocando informação. Se tem problema aqui, o otro lá tem... ta ruim pro ce aqui e ta bom pra ele lá, então você passa lá informação boa. As veis se ta usando um veneno errado aqui, fazendo coisa errada, as veis o otro sabe mior, é importante passa informação pro otro.</u></p>	<p>A - A troca de informação oral entre os agricultores é importante. B - Motivo: um complementa o conhecimento do outro.</p>
<p><u>Difícil né. Que as veia a gente vai troca ideia, um da ideia pra bem o outro dá aos contrario. Pô se vê, uns dá informação boa pro cê, conta certinho, otro não conta certo.</u></p>	<p>C - Nem sempre é confiável.</p>
<p><u>Ah eu acho que é bom. Tem que passa informação e não esconder, porque tem muitos que esconde né. Põem uma, muita... porque hoje o veneno tem que te muita mistura de veneno, não é só um tipo de produto que controla um tipo de</u></p>	<p>A - A troca de informação oral entre os agricultores é bom. C- Os agricultores tem que compartilhar a informação e não reter o conhecimento que possui.</p>

<p><i>praga, tem que te mais, tipo assim, uma combinação de veneno com outro. E muitas veis a pessoa faz e deu resultado e não passa para o próximo, pro outro produtor. <u>Então eu acho que tinha que um que descobrisse uma coisa tinha que também de passa a informação pro outro produtor.</u></i></p>	
---	--

IAD 2

A - Importância da troca de informação oral entre os agricultores

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>Também é importante. Aqui é um dos principais meio de informação [...] [...]uma das informação mais importante [...] muito importante [...] [...]muito importante pra gente, aprende mais também. [...]é sempre bom ta se comunicando. Eu acho bom! Importante né. Ah eu acho que é bom.</i></p>	<p><i>Aqui é um dos principais meio de informação e uma das informação mais importante pra gente, porque a gente aprende mais também. Por isso é sempre bom estar se comunicando.</i></p>

B - Motivo da importância

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>[...] porque alguém sabe a coisa que dá certo e eu não sei né, então é importante conversa, um passa a informação pro otro.</i></p>	<p><i>Porque cada um tem uma ideia diferente, um conhece uma coisa, o outro conhece outra, então a gente troca informação e fica sabendo de bastante coisa. As vezes tem alguma coisa que não sabe,</i></p>

<p><i>Porque um tenta, faz uma técnica que dá certo, o outro tenta seguir aquela uma. [...] geralmente pá o que eu, pra um não dá certo, as veis você nem usa não usa né. As veis usa uma coisa que dá certo. [...] você tem conhecimento, um conhece uma coisa, o otro conhece otra, então a gente troca informação, a gente fica sabendo de bastante coisa.</i></p> <p><i>Que as veis tem alguma coisa que não sabe, ai pergunta pra quem sabe.</i></p> <p><i>É bom porque cada um tem uma ideia diferente [...] Um dá uma dica pro outro. Porque dai ta trocando informação.</i></p>	<p><i>ai pergunta pra quem sabe. É importante conversar, passa a informação um para o outro e trocar informação sobre uma técnica que dá certo para o outro tentar seguir ou então dá uma dica para o outro sobre um produto que usou e deu certo.</i></p>
---	---

C - Outras observações

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>Difícil né.[...]uns dá informação boa pro cê, conta certinho, otro não conta certo. Tem que passa informação e não esconder,[...] Então eu acho que tinha que um que descobrisse uma coisa tinha que também de passa a informação pro outro produtor.</i></p>	<p><i>É difícil, porque uns dão informação boa para você, conta certinho, mas outros não contam bem certo. Por isso eu acho que tinham que passar informação e não esconder, por exemplo, se um descobrisse uma coisa tinha que também passar a informação para outro produtor.</i></p>

Questão 6

Considerando o que já foi perguntado referente ao uso das informações, o que mais o(a) Sr.(a) gostaria de dizer?

IAD 1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<p><i>A respeito da agricultura? <u>Falta muito incentivo né, da parte da prefeitura, essas coisa, principalmente as estrada, que usa muito pá tirá as mercadoria, chega numa época de tirá mercadoria não existe estrada.</u></i></p>	<p>C - Pouco incentivo dos governantes. C - Estradas de má qualidade.</p>
<p><i>Aquela pergunta de como que eu acho que <u>deveria ser o lugar pra te fontes, tipo vamo supor que tivesse um agrônomo que vá nas roças vê como funciona pra pode explica pás outras pessoas né. Porque tem uns agrônomo que faz o curso mais não vai na roça vê como na verdade é. <u>Ele tem a experiência de estudo mas não de campo. Se tivesse pessoas que vai leva um... Não tem experiência de campo pra dize qual na verdade é né. Muitas vezes a pessoa que trabaia na loja tem mais experiência que um agrônomo, sabe mais.</u></u></i></p>	<p>A - Centro de informação que disponibilizasse um agrônomo para visitar os agricultores e suas lavouras para orientar. B - O agrônomo não tem experiência prática. B - Vendedor as vezes tem mais experiência que o agrônomo.</p>
<p><i>Que eu acho que poderia se <u>o sindicato mesmo, que poderia coperá mais, porque o sindicato não... Ali em Ribeirão mesmo não ajuda tanto. <u>Não tem tanta informação se for pra você pergunta, os cara não sabe nada.</u></u></i></p>	<p>C - Sindicato deveria cooperar mais. C - Sindicato disponibiliza pouca informação.</p>
<p><i>É, é como eu falei, o agrônomo e dai mais não fica só no papel, pega e assim, <u>não adianta nada ter o agrônomo mas fica só lá sentado e não faze, não resolve nada, tem que i atrás né, os outro tem que i atrais mais a gente i atraz dele e</u></i></p>	<p>A - O Agrônomo tem que ter mais proximidade com o agricultor. B - Agrônomo sem experiência prática.</p>

<p><u>eles fica mais próximo da gente. Que as veis tem agrônomo mais, o agronomo também não... Acontece muito isso né, o agrônomo só fica sentado lá na cadera e acha que sabe tudo mais não sabe mais que a gente, então as veis tem essa também, <u>tem que por na pratica o que aprendeu, as veis fica só no livro, não adianta.</u></u></p>	
<p><u>Seria bõo se tivesse uma tabela pra vende né. Tivesse um preço bom, mais ou menos. Que as veis ta muito caro, as veis ta muito barato demais, então, se tive muito barato é ruim de vende e as veis ta muito caro tamém. Se tivesse uma média boa seria bom.</u></p>	<p>C - Preço de venda estável. C- Preços tabelados</p>
<p><u>Sei la né. Devia ter um engenheiro em cada bairro instruindo o povo, mais isso é difícil de te. Então minha opinião é essa, devia de te um em cada bairro, te um na cidade já é difícil de te, agora em cada sitio, em cada bairro ter um engenheiro formando o pessoal. Acho que é isso.</u></p>	<p>A - Agrônomo presente nos bairros.</p>
<p><u>Eu acho que teria que te um, no meu caso, teria que te um financiamento mais, porque eu mesmo tenho dificuldade, tem o Pronafe, mas você vai procura as veis não da certo né, porque eu tinha a terra mais tive que vende, agora trabalho na terra da minha sogra. Eu acho que é isso, porque a gente tem</u></p>	<p>C - Melhores linhas de crédito para o agricultor</p>

<p><i>o Pronafe mais você vai procura e se você não tive terra você não consegue.</i></p>	
<p><u><i>Ah pa agricultura tem que miora mais a parte da venda né. Que é o pior de tudo que ta sendo a parte da venda. Por exemplo, hoje você vende um, por exemplo uma caixa de pipino por cinco real, que as veis chega a esse ponto, você vai compra no mercado ta cinco rela o quilo, ai dai o lavrador ta saindo mar nesse ai. Que esse ai devia de te um melhoramento né, o que ai eu não sei, não tem como tá essa diferença ai, aonde tá, deve se muito imposto que tem viu, então deve se problema com o governo, porque tem muito imposto, então cada um que pega alguma coisa tem imposto. Se dali pega chega nesse ponto lá, porque se ve sempre vende uma caixa de mercadoria aqui, sai daqui doze quilometro pra Ribeirão, qual o preço da caixa aqui, ta com o preço de um quilo lá. Dai não poderia ta acontecendo um negocio disso. Isso dai deveria se melhorado em alguma coisa nesse sentido ai.</i></u></p>	<p>C - Melhor preço de venda.</p>
<p><i>Ai fica meio difícil não porque... É tem a do <u>sindicato como que eles fala, da agricultura familiar que já ajudando pro</u> <u>peçoar.</u></i></p>	<p>C - Sindicato da agricultura familiar está ajudando.</p>
<p><i>Ai eu acho que é mais nisso mesmo. Mais na parte de, só <u>as loja te uma</u> <u>pessoa mais profissionalizada naquela</u></i></p>	<p>A - Lojas com mãe de obra profissionalizada.</p>

<i>area pa atende as pessoa e passa informação um produtor pro outro né. É o essencial né.</i>	
--	--

IAD 2

A - Agrônomo mais presente nas lavouras

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p><i>[...] deveria ser o lugar pra te fontes [...] que tivesse um agrônomo que vá nas roças vê como funciona pra pode explica pás outras pessoas né. [...]</i></p> <p><i>[...] não adianta nada ter o agrônomo mas fica só lá sentado e não faze, não resolve nada, tem que i atrás né, os outro tem que i atrais mais a gente i atras dele e eles fica mais próximo da gente.</i></p> <p><i>Devia ter um engenheiro em cada bairro instruindo o povo [...]</i></p> <p><i>[...] as loja te uma pessoa mais profissionalizada naquela area pa atende as pessoa e passa informação um produtor pro outro né.</i></p>	<p><i>Deveria ser o lugar para ter fontes de informação e que tivesse um agrônomo que fosse nas roças ver como funciona para poder explicar para outras pessoas o que fazer ou até mesmo ter um agrônomo em cada bairro instruindo o povo porque não adianta nada ter o agrônomo mas fica só lá sentado e não fazer nada, não resolver nada. Tem que ir atrás dele e eles ficarem mais próximos da gente. Também ajudaria se as loja tivessem uma pessoa mais profissionalizada para atender as pessoa e um produtor passar informação para o outro.</i></p>

B - Experiência do agrônomo

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<i>Ele tem a experiência de estudo mas não de campo.</i>	<i>Ele tem a experiência de estudo mas não de campo e acha que sabe tudo mais não sabe mais que a gente. Ele tem que por na prática o que aprendeu,</i>

<p>Muitas vezes a pessoa que travaia na loja tem mais experiência que um agrônomo[...]</p> <p>[...] acha que sabe tudo mais não sabe mais que a gente [...] tem que por na pratica o que aprendeu, as veis fica só no livro, não adianta.</p>	<p>porque as vezes ficar só no livro não adianta, tanto que muitas vezes a pessoa que trabalha na loja tem mais experiência que um agrônomo.</p>
---	--

C - Outras observações

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<p>Falta muito incentivo né, da parte da prefeitura [...] chega numa época de tirar mercadoria não existe estrada.</p> <p>[...] o sindicato mesmo, que poderia coperá mais [...] Não tem tanta informação se for pra você pergunta, os cara não sabe nada.</p> <p>Seria bão se tivesse uma tabela pra vende. Tivesse um preço bom [...] Se tivesse uma média boa seria bom.</p> <p>Eu acho que teria que te um, no meu caso, teria que te um financiamento mais [...]</p> <p>Ah pa agricultura tem que miora mais a parte da venda né. Que é o pior de tudo que ta sendo a parte da venda.</p> <p>[...] sindicato como que eles fala, da agricultura familiar que já ajudando pro pessoal.</p>	<p>Falta muito incentivo para o agricultor da parte da prefeitura, porque chega na época de tirar a mercadoria da lavoura não existe estrada. O sindicato da agricultura familiar que está ajudando o pessoal poderia cooperar mais porque eles não tem tanta informação e se for para você perguntar os cara não sabe nada. Também teria que ter uma melhora nos tipos de financiamento. E para a agricultura tem que melhorar mais a parte da venda, que é o pior de tudo. Seria bom se tivesse uma tabela para vender com um preço bom, se tivesse uma média boa seria bom.</p>

ANEXO A - Simbologia do município de Ribeirão Branco

Brasão de Ribeirão Branco



Fonte: Site da Prefeitura de Ribeirão Branco

Portal de entrada de Ribeirão Branco



Fonte: Site da Prefeitura de Ribeirão Branco